PREÇO 1$000

ANNO IV
NUMERO 207

Para todos...

LONDRES
PARIS

SÃO PAULO
SANTOS

MOVEIS QUE NÃO SE CONFUNDEM!

Quando V. Ex. compra moveis de Mappin Stores V. Ex. não paga mais do que em qualquer outra casa, mas obtem aquella distincção que se nota nos moveis inglezes, que é o resultado da reunião de mais de 400 annos de experiencia.

E' por esse motivo que os nossos moveis constituem uma verdadeira especialidade, não se confundindo com outros de fabricação barata e apressada que se encontram a cada passo — que aliás são vendidos por preços não avantajados aos nossos.

MAPPIN STORES – Filial

Rua Senador Vergueiro, 147--Rio de Janeiro

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

LOURDES (Petropolis) — Grande enthusiasta da arte. E' capaz de se esquecer, de tudo para se entregar ás seducções da musica ou da pintura. Tem o coração fechado ao amor. Sua vontade é pertinaz. Seu intellecto é um tanto vasio de cousas solidas.

RIOPEIXENSE (Campinas) — Temperamento forte, muito voluntarioso, expansivo e voluvel. Resulta desse conjuncto um individuo insinuante, apezar de seus caprichos, de suas teimas e até de suas hostilidades. E' que é grande a sua perspicacia para agir de conformidade ao meio em que se acha, de sorte a occultar alguma demasia que ahi se possa tornar inconveniente. Deve, pois, triumphar na vida, porque, além dessa habilidade, possue uma vontade tenaz, embora variavel em suas manifestações. O traço dominante é materialista, mas a sua bondade cordial adoça extraordinariamente esse traço e faz perdoar alguns exaggeros da sua audacia e da sua vaidade.

INCOGNITO MYSTERIOSO (São Paulo) — E' um individuo de grande força de vontade e teimosia nos desejos. Não quer saber das conveniencias alheias e zanga-se facilmente quando o contrariam. Entretanto, parece calmo e até amavel, quando não tem interesses em causa. D'ahi se conclue pela materialidade que domina o seu temperamento, com a circumstancia de ter um coração pouco bondoso e de se possuir de um grande amor proprio parente proximo do orgulho e da vaidade.

TOM MIX (Paulicéa) — E' calmo, idealista e de coração generoso. Nem sempre, porém, demonstra essas boas qualidades. E' voluvel e muitas vezes entra em contradição com a base fundamental do seu "eu". Todavia, as virtudes sobrepujam os defeitos. Sua vontade é instavel. Tem repentes de audacia, mas é tudo fogo de palha. O espirito é pouco vivaz e ponderado, não obstante possuir alguma perspicacia para negocios.

ZEZE' (São Paulo) — Espirito generoso, cheio de ingenuidade e sonhador. Tem orgulho, mas tão naural, que nem se dá por isso. E' amoravel e amorosa. Tem um grande apego ao confortavel e gosta immensamente de se expandir na intimidade. seu coração é bondoso, muito propenso á caridade.

J. GOMES DA ROCHA (Rio) — O que se distingue é o traço do amor proprio levado a excesso. Ha futilidade espiritual, até mesmo no rumo sonhador. O que mais o preoccupa é o presente e o desejo de ser homem de fortuna. Nisso concentra todos os seus pensamentos e a sua actividade. E' deligente, mas prefere o menor esforço, para alcançar o que deseja. Tem algum gosto artistico. Pelo menos o da sobriedade.

IRACEMA DE ALENCAR (São Paulo) — Personalidade de trato delicado, mas muito caprichosa em seus desejos e muito amiga dos seus interesses. E' apparentemente altiva, pelo menos tratando-se de amôr, terreno em que se presume irreductivel. Seu espirito é arisco e quasi sempre em opposição ao meio que o cerca. Não é por maldade: é por capricho e por vicio... Vontade tenaz, muito discreta, mas difficil de contentar.

CARLOY (Campinas) — Não é possivel determinar bem o seu temperamento, pois é evidente o disfarce da graphia. Em todo caso, percebe-se uma desconfiança extraordinaria, uma vontade precaria e um espirito desassocegado. Tambem ha vestigio de grande amor ao dinheiro, levado muitas vezes ao terreno da improbidade. E é toda para si, para seu goso, visto como não ha o menor resquicio de bondade cordial. Possue, entretanto, grandes dotes artisticos, os quaes lhe deviam adoçar a alma e o coração. Com certeza, serve-se delles para maior proveito da sua bolsa.

ENTREVERO (S. Luiz) — Genio impetuoso e colerico, mas sem raizes profundas, pois tem uma boa alma e um coração generoso. Sua vontade é tenaz. O espirito é activo, muito vibrante, e um tanto idealista. Sua idéa fixa deve ser o casamento — causa talvez de todos os planos e "castellos" que esboça.

ALBION (Santos) — Sua graphia demonstra bem o individuo pretencioso, que se quer destacar dos outros, a todo o transe. Na realidade, possue algumas qualidades muito distinctas. E' de espirito muito forte e revestido de uma certa nobreza. A vontade é formidavel, ainda que sob apparencias muito discretas. E' generoso e pende muito para os sonhos côr de rosa. Têm extraordinaria confiança em si. Não obstante, faz acompanhar essa virtude por esforços diligentes para a conquista de qualquer ideal.

JOSICA (Pelotas) — Espirito sobrio, meticuloso e recto. Não pecca por exaggeros de qualquer especie. O seu gosto seria viver imperceptivel, talvez por commodismo. Tem bondade cordial, não, porém, até á liberalidade. Quanto a *Lola*, é mais positiva no seu querer e nos seus ideaes. Não cessa de pronunciar os seus interesses e de os amparar com toda a alma. Ha indicios de expansão espiritual, mas tão sómente quando em familia. Muito amiga do dinheiro, procura angariar fortuna, suggestionando a isso aquelle tem obrigação de trabalhar...

CORREDO (Rio) — Só por excepção, pois que não assignou no logar proprio. O que se destaca no seu temperamento são os instinctos sensuaes e a tendencia para a colera. E' falador, expansivo, voluvel. Suas idéas são geralmente futeis e alegres. Predomina o idealismo, quando em isolamento. Tem o espirito vibrante e apaixonado, mas falho de orientação. Sua vontade não tem força inicial, mas vae longe pela persistencia, realisando o proverbio de — agua molle em pedra dura... O seu trato é incerto: ora delicado, ora brusco. Bondade cordial muito precaria.

N. DE C. (Petropolis) — Grande apreciador da mesa e de tudo quanto é objectivo, palpavel e grato ao paladar. E', pois, um materialista "enragé", visto como não lhe falta o indicio do amor ao dinheiro e a tudo que representa bem estar. Mas, apezar disso é capaz de generosidades, pois tem um coração muito bondoso.

DESILLUDIDA (São Paulo) — Nada de notavel na sua graphia, que é a de uma creatura simples, regularmente equilibrada, comquanto de vontade incerta. Prevalece a materialidade no espirito e nos sentidos. Todavia, não recusa conceder alguns minutos a um ou outro pensamento immaterial. Crê-se de muita cultura e talvez a venha a ter um dia. A vontade é ambiciosa em todos os sentidos.

NACET (Aymorés) — Natureza um tanto sombria, comquanto se trate de uma joven. Parece um estado passageiro, fructo de algum amor contrariado... Ha exacerbação nervosa, perturbadora dos caracteristicos graphicos normaes. Percebe-se, todavia, que se trata de uma emotiva de sensibilidade exaggerada. Tambem se verifica a existencia de uma vontade muito caprichosa, assim como de uma tendencia flagrante para a arte.

PARC ROYAL

Um ninho de elegancia
Um conforto para a bolsa
Uma commodidade para todos.

Neste momento :

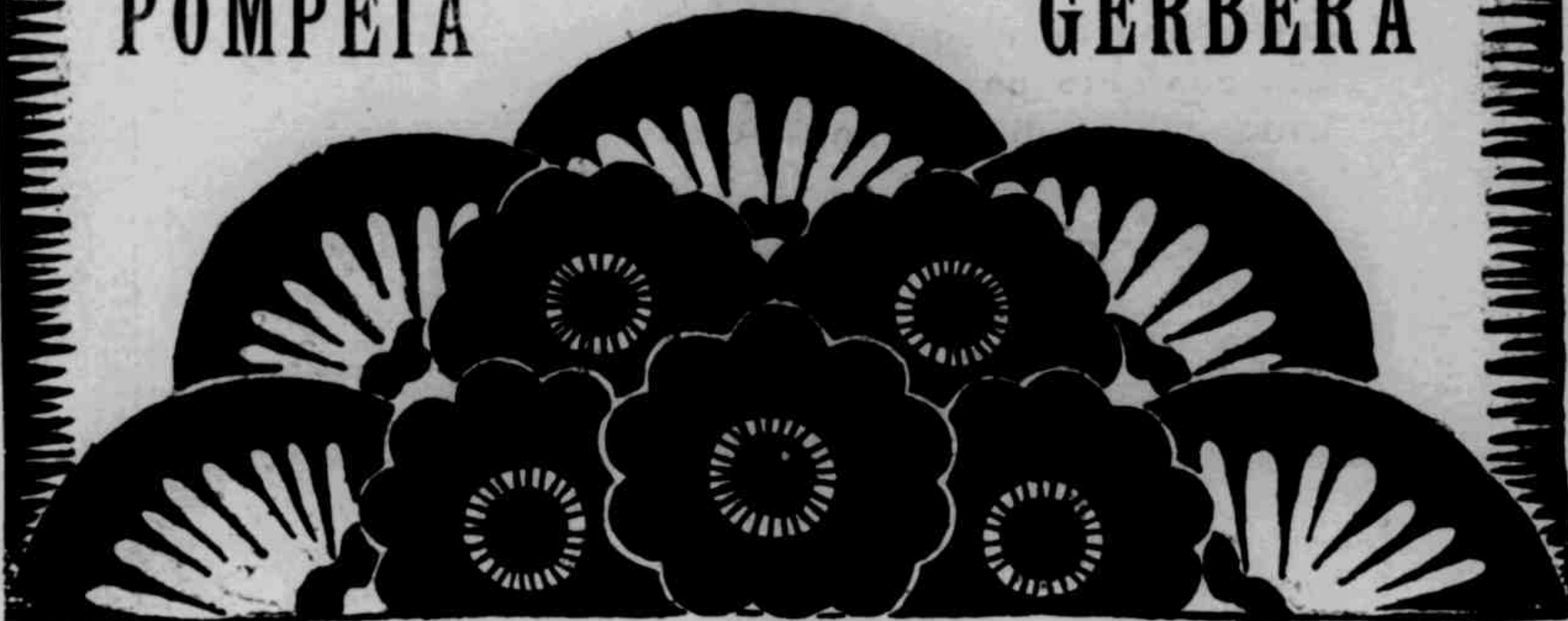
GRANDES EXPOSIÇÕES DE ARTIGOS DA ULTIMA MODA

recebidos de Paris :

VESTIDOS DE TODO O GENERO — TECIDOS FINOS DE SEDA E ALGODÃO — MANTEUX E SAHIDAS DE BAILE — ROUPAS BRANCAS SUPERIORES — CHAPÉOS MODELOS — ARTIGOS DE ORNAMENTO — MEIAS DE SEDA — LEQUES FINOS — SOMBRINHAS, ETC

ULTIMAS MODAS
ULTIMOS PREÇOS

A's sextas-feiras : SALDOS E RETALHOS em todas as secções
Aos freguezes do interior : Peçam catalogos, amostras, informações, etc

FILIAES: EM BELLO HORIZONTE, RUA DA BAHIA, 894; EM JUIZ DE FÓRA, RUA HALFELD, 807.

FLIRT DO BANHISTA

Dizem que em Copacabana ha um banhista que faz "flirt" com todas as suas bonitas clientes.

O homem não póde resistir ao seu temperamento apezar de passar seis ou oito horas diarias dentro d'agua.

A natureza não foi prodiga com elle quanto a belleza physica, mas isso não deixa de ser um grande inconveniente para quem faz de Tritão apezar de ser assalariado.

As moças divertem-se muito com o pobre homem que, digamos de passagem, é respeitoso apezar de ser vulcanico.

— Este officio, senhorita, dizia elle a uma linda morena, emquanto a levava das mãos ao fundo do mar, este officio é para mim um verdadeiro castigo.

— Porque? interrogava maliciosamente a perspicaz ondina.

— Porque soffro o supplicio "de sandalo..."

— De que ?

— Quando estava atado, tinha fome, via perto delle a comida e a bebida e não podia comer nem beber.

— Ah ! De Tantalo, queria você dizer.

— Bom. E' o mesmo.

— Pois sabe você como Tantalo se curou desse martyrio ?

— Não.

— Banhando-se.

— Caspité !... mais do que elle me banho eu !...

— Não n'agua doce, lavando-se bem com o Sabonete de Reuter, que é o que purifica tudo... até a alma e os pensamentos... Vá, pois, banhar-se muito com o Sabonete de Reuter.

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores e, ao mesmo tempo, lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que, mensalmente, publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

Ibsen (William Russell)

MLLE. X. P. T. O. (Biriguy) — E' casado e tem 29 annos o primeiro; o segundo é solteiro e tem 43 annos.

ELISA (Pirapora) — 485, Fifth Ave. N. Y. C.

HELENA LINDROTH (Rio) — Não possuimos o que deseja; porque não escreve directamente? Dentro ds tres mezes, o mais tardar terá todos em mãos.

SEU NICO (Petropolis) — Americano mesmo.

LOLITA (Itajubá) — Correu isso em tempo, mas não foi confirmado.

FIOCA (Rio) — São todos tres da Paramount.

SAPEQUINHA (Sorocaba) —Tem 30 annos feitos e é casado. Com a Paramount.

ARARA (Araras) — E' bem de ver que sim. Nem todos passam pelos cinemas da Avenida. A's vezes de outras marcas tambem.

BEZERRINHO (Nictheroy) —485 Fifth Ave. N. Y. C., a primeira; a segunda, Hollywood, Los Angeles, Calif.

BELLEZETA (Rio) — Então não lê

a distribuição que publicámos? Não faz muito que sahiu e completa a desse film.

LAIS (Nictheroy) — Em tempos publicámos de facto essa noticia, mas depois desmentimos segundo novos informes que nos chegaram.

BEMBEM (Sabará) — 46 annos, casado em Olive White. Com a Fox ha muitos annos.

LEONEL PINTO (Campinas) — Não passam actualmente no Rio. Se ainda existem nos Estados são velhas copias de velhos films. Desde 1919 que a producção não vem ao Brasil.

SALVADOR (Bahia) — 19 annos, solteira, loura, olhos azues.

EZEQUIEL (Nictheroy) — 485, Fifth Ave. N. Y. C. E' a direcção da fabrica.

Darwin-Marie Prevost

Póde remetter que ás mãos lhes irá ter.

SOL DADO (Belem) — 10th Ave, 55th to 56th Str. N. Y. C.

EU MESMO (Parahyba) — Loura, olhos azues, 23 annos, 1m60 de altura, 57 kilos de peso, solteira por agora, pois que se divorciou.

BELISCO (Baurú) — Constou isso mas não teve confirmação.

LADRÃOZINHO (Campinas) — Não sabemos.

EUZEBIO LIMA (Camppo Formoso) — 25 cents. (um quarto de dollar) em coupons-reponse; inglez. A quantia acima é para cada retrato.

SEU AMORA (Rio Casca) — Não podemos informar.

VELHINHA DO CAPOTE (Sumidouro) — Brevemente.

SINHA' MARIQUINHAS (Santo Amaro) — E' possivel, mas não certo.

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS		PREÇO DA VENDA AVULSA	
Um anno (Serie de 52 ns.)	48$000	No Rio	1$000
" semestre (26 ns.)	25$000	Nos Estados	1$000
Estrangeiro	60$000		

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—RIO. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131.

Succursal em S. Paulo: Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3832. Caixa Postal Q.

Os Films da Semana

Esperavamos que "Othello" fosse o film que maior curiosidade despertasse em toda semana. Só o seu interprete, o famoso Emil Jannings, o formidavel actor que fez Danton, Henrique VIII, Pharaó, Luiz XV e outras notaveis creações que o nosso publico tanto admirou e applaudiu, bastaria, estavamos certos, para que o Parisiense obtivesse um ruidoso successo.

Mas, assim não foi. Não houve mesmo, em torno da historia do mouro de Veneza, que a cinematographia allemã imprimiu o mais honestamente possivel, o menor interesse. O film lá esteve no *écran* do Parisiense como outra qualquer producção de motivo vulgar e de interprete commum.

O publico, não se sabe porque, não teve pelo novo trabalho de Emil Jannings nenhuma curiosidade e assim o film passou sem os commentarios dessa grande massa de "habitués" que quando quer, faz o successo estrondoso que teve a "Mme. Du Barry", ou "Anna Bolena", e que quando não quer, torna despercebida a producção, independente de todas as reclames. Foi pena, talvez. Emil Jannings continúa a ser notavel. O Othello que nos deu não é surprehendente como outras creações que delle conhecemos, mas é digno de todos os applausos, como a montagem da grande obra, em cujo conjunto de interpretação, sómente Werner Krauss em Yago, não parece um despeitado mas, um palhaço de feira...

■

No Palais continuou a passar o "Dr. Mabuse".

■

No Central, onde já se póde ir... por emquanto, passou uma interessantissima producção da Hodkinson "Eu te quero, eu te adoro". O publico não regateou applausos á magnifica producção, cuja montagem luxuosa é estupenda de gosto. Irene Castle, que a creou, surprehende de graça e de belleza, faz todo o encanto do film.

■

A producção da Paramount que passou no Avenida agradou, sem que, entretanto, os films desta semana fossem os da programmação commum da querida fabrica americana.

Os motivos que vimos e a maneira de suas interpretações, nenhuma novidade apresentam.

■

No Odeon passaram os primeiros episodios da producção franceza da Gaumont "Parisette". Depois "Venus do mar", creação de Nazimova.

"Parisette" faz successo. "Venus do mar" é producção commum.

■

No Pathé, da programmação semanal, Tom Mix encarregou-se do successo, no film "A voz do sangue".

OPERADOR N. 3.

COTAÇAO DOS FILMS — SEMANA DE 20 A 26 DE NOVEMBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSE
Gaumont	Odeon	Parisette (1° e 2° episodios)	Mlle. Sandra Milovanoff, Biscot	1922	6
Metro	Odeon	Venus do Mar (Out of the Fog)	Nazimova e Charles Bryant	1919	6
Paramount	Avenida	A conquista de Canaan (The Conquest of Canaan)	Thomas Meighan, Diana Allen e Doris Kenyon	1921	5
Paramount	Avenida	Batalhas da vida (Find the Woman)	Alma Rubens, George Mac.Quarrie	1922	6
Pathé N. Y.	Pathé	Gloriosa aventura (The Real Adventure)	Florence Vidor, Clyde Fillmore	1922	5
Fox	Pathé	A voz do sangue (Trailin)	Tom Mix e Eva Novak	1921	5
Worner	Parisiense	Othello	Emil Jannings, Lya de Putti, Ferdinand von Alten, Werner Krauss	1921	6
Decla	Palais	Dr. Mabuse (3° episodio)	Rudol Rogge, Alfred Abel, Paul Richter, And Egged Nissen, Gertrudes Welker	1922	3
Hodinkson	Central	Eu te quero, eu te adoro (French Heels)	Irene Castle, Ward Crane	1922	7
?	Rialto	Flor do Oriente	? ?	? ?	2

LYCOPODIO (Manáos) — Não podemos dizer. Sabemos o que por aqui vae; mas, se tal ou qual film irá até lá... isso é difficil, dependendo unicamente dos exhibidores do Amazonas.

BARROS FRANCO (Curityba) — Nada podemos informar sobre esse assumpto. Escreva para a Agencia aqui.

SALATHIEL (Pelotas) — E' divorciada de Lew Cody.

EXUBERANTE (Rio) — Não concordamos com a sua opinião. Escreva e envie. Se for publicavel, publicaremos.

BIZARRA FLOR (Itararé) — Solteiro e parece que adora esse estado, pois que até hoje, e já tem mais de 40 annos, ainda nelle se conserva.

MARIANNO (Nictheroy) — Veremos isso mais tarde. Por emquanto não nos convém.

SEU ANDRE' (Bello Horizonte) — Que culpa temos nós do máo gosto do exhibidor dahi? O publico que reclame. A nós é que não pode caber essa obrigação. Se quizer escreva sobre o assumpto e se estiver em termos, publicaremos.

REPORTAGENS RAPIDAS

Douglas Fairbanks.

— *Seu nome?*
— Douglas Fairbanks.
— *Onde nasceu?*
— Em Denver, Colorado.
— *Qual o seu primeiro film?*
— "The Lamb".
— *Seu film favorito?*
— "A marca de Zorro".
— *Gosta da critica?*
— Muito.
— *E' supersticioso?*
— Sou.
— *Qual o seu numero favorito?*
— 23.
— *A côr de sua paixão?*
— Vermelho sangue.
— *A flor que prefere?*
— A rosa.
— *Seu perfume predilecto?*
— O da rosa.
— *Fuma?*
— Fumo indifferentemente cachimbo, cigarros, charutos, mas a todo instante.
— *Gosta de doces?*
— Não muito.
— *Qual o seu mote?*
— Doug.
— *Sua divisa?*
— E' mister a gente saber curvar-se ás exigencias do mundo.
— *Que homem desejaria ter sido?*
— Napoleão.
— *Qual a sua ambição?*
— O exito.
— *Seu heróe preferido?*
— Mary Pickford.
— *Quem lhe disputa mais sympathias?*
— Todos os publicos, de todas as terras.
— *Possue alguma mania?*
— A de trabalhar sempre.
— *E' fiel?*
— Para os que commigo o são.
— *Seu defeito principal?*
— Fazer films demais.
— *Seus escriptores favoritos?*
— Shakespeare e Alexandre Dumas.
— *Seus musicos favoritos?*
— Puccini e Christiné (este, por causa de "Phi-Phi).
— *Seu pintor favorito?*
— Rembrandt.

Quando a viva luz dos toucadores revelar que as rugas apparecem ao redor dos olhos e que o sorriso tambem produz rugas nos cantos da bocca, POLLAH deve ser usado sem demora.

A palavra Envelhecer é para as senhoras a mais triste do diccionario.

Grande numero de moças, observando a formosura de certos rostos femininos, vindos do estrangeiro, commumente denominados "Bellezas profissionaes" e, devido ás insinuações de certos institutos europeus, chegou a convencer-se de ser possivel ESMALTAR o rosto — o que é absolutamente um absurdo e nunca foi executado. — O segredo de certas formosuras é devido a um tratamento racional e scientifico, onde predomina a ausencia de gorduras e é attendida a parte curativa, afim de eliminar as manchas, espinhas, cravos, vermelhidões, pannos — asperezas, emfim, todas as imperfeições da cutis. — O rosto para ser bonito deve ter a cutis lisa — parelha — bem unida — cores bem definidas — branca — leitosa — morena — matte — conforme a pessoa — ausencia completa de asperezas, espinhas, cravos, vermelhidões — inchações, grãos, etc.

O producto que indicamos para esse fim — O CREME POLLAH — da American Beauty Academy (Academia Americana de Belleza), representa verdadeiramente o ideal para o rosto e para a belleza. — Sem gordura, produz rapidamente a transformação da pelle, modifica, cura, elimina as manchas, cravos, espinhas, etc., alimenta a pelle.

O CREME POLLAH, unico até hoje, consegue em pouco tempo fazer que a cutis apresente o aspecto idéal do esmalte em porcellana.

O CREME POLLAH encontra-se nas principaes perfumarias do Brasil — Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o coupon abaixo aos Representantes da "American Beauty Academy". — Rua 1° de Março, 151, Sobrado.

PARA TODOS — Córte este coupon e remetta aos Srs. Representantes da American Beauty Academy" — Rua 1° de Março, 151 Sob. Rio de Janeiro.

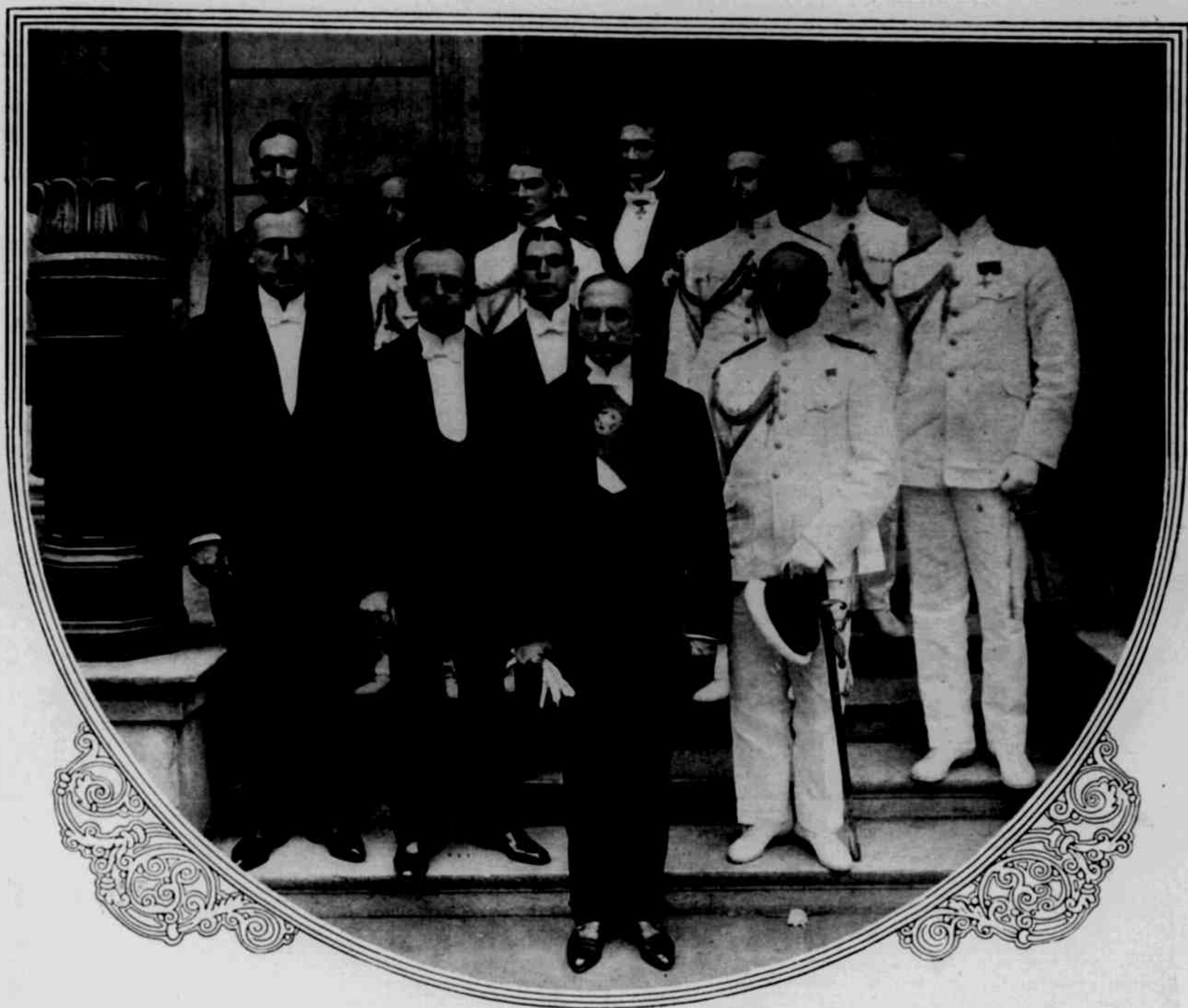
NOME .. ..

CIDADE .. ..

RUA .. ..

ESTADO .. ..

Para todos...

Rio de Janeiro, 2 de Dezembro de 1922

NO PALACIO DO CATTETE

O senhor Presidente Arthur Bernardes com as suas casas civil e militar. Compõem a primeira os senhores: Edmundo Veiga, secretario da presidencia; Olegario da Silva Bernardes, secretario particular; Miguel Mello, Antonio Vieira Christo, Augusto Barbosa Gonçalves e Waldomiro Gomes Ferreira, officiaes de gabinete. A' segunda, pertencem os senhores: capitão de corveta Tacito Reis de Moraes Rego, capitão-tenente Sabino Cantuaria Guimarães e capitães Edgard Mello e Daltro Filho, que se vêem na photographia.

Senhorinhas Nobre, Senhoras Ed. Conceição, Cicero Prado, Osorio Junqueira e outras figuras do alto mundo paulistano

NO PRADO DA MOO'CA EM SÃO PAULO

Uma trindade risonha

ANTES DA GRANDE CORRIDA DE 19 DE NOVEMBRO

A elegancia é a eurythmia dos gestos: gesto de palpebras, gesto de labios, gesto de hombros, gesto de mãos, e o divino gesto do passo. A elegancia é a naturalidade de uma expressão eternamente nova, por linhas ao mesmo tempo desmanchadas e extaticas. Nunca se mostra patente; evóca, faz pensar. Só a sentimos no desejo e na saudade. Emquanto a mulher vaga longinqua, inattingivel, ou então, depois, quando se vae, e deixa em nós todas as indefinidas sensações que antes não dêra, mas que viviam na sua vida, como o pó nas azas das borboletas ... — ALVARO.

Senhoras Antonio Alves de Lima e Caio Prado; instantaneos de *sportmen* e familias

Footingações

Depois da chuva. Avenida
Rio Branco. Linda tarde!
Todos correm para a vida
que, nas ruas cheias, arde.
Arde, palpita, como a alma
mesma da tarde, que é o sol.
A chuva é uma grande calma
para a alma do gyrasol.

Temperamentos... A chuva
é bôa p'ra os penumbristas.
Mas quem não tem a alma viuva,
prefere as languidas vistas
que, á tarde, o sol proporciona,
num dia lindo, a olhos sãos:
aspectos de dona Dona...
Braços, pernas, olhos, mãos...

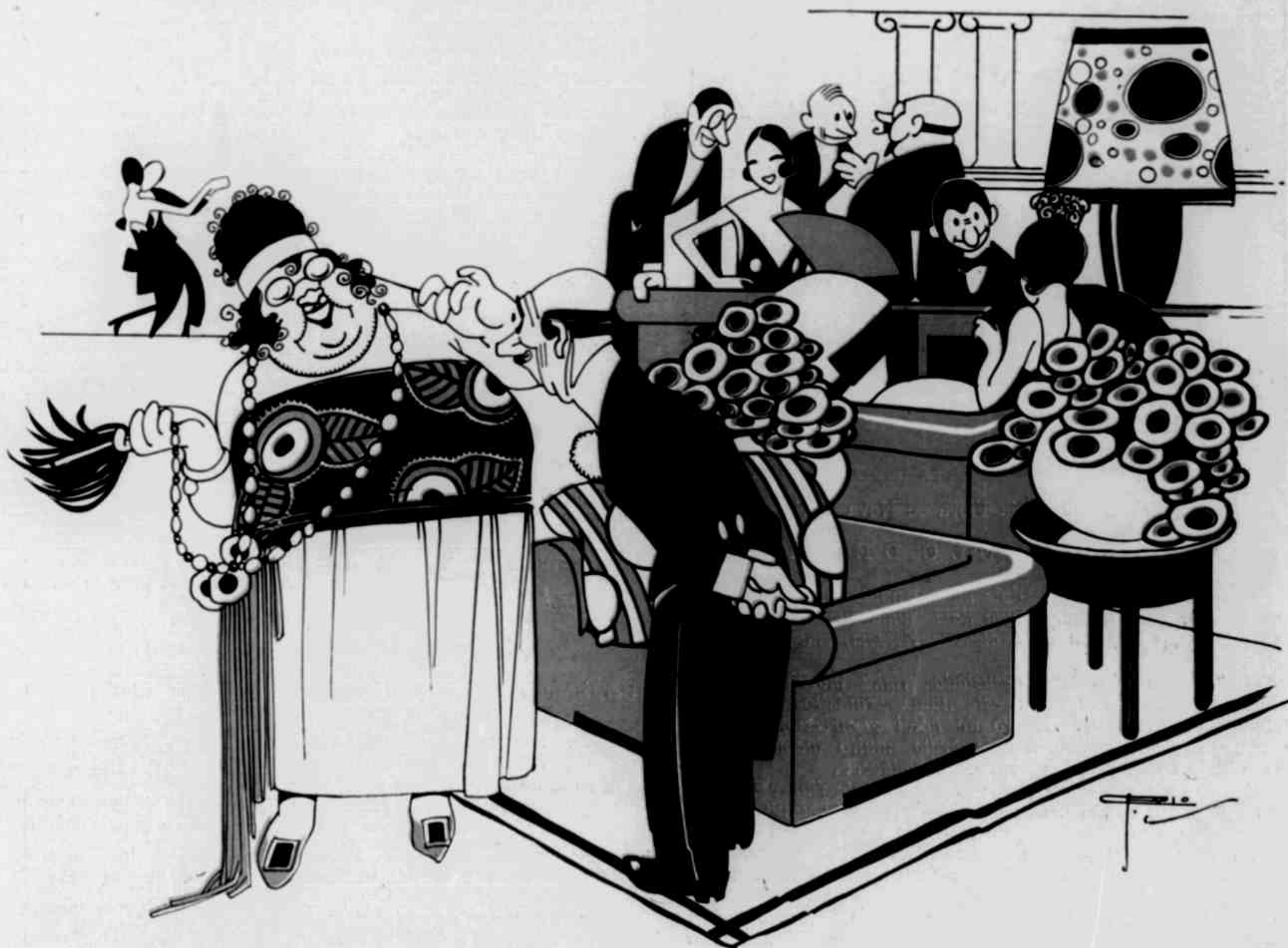
E outros aspectos, que a gente
vê, mas não diz, só por medo.
E vae, displicentemente,
passando com o seu segredo.
Porém, mais que os corpos, brilha
a elegancia "rafiné"
dos vestidos... — Maravilha,
como vaes? — Bem, e você?

Eu vou indo... Isto é, eu ia.
Mas já que te vi, não sigo.
(Biela Julien deixa o dia
perfumado a ambar antigo...)
Disse e repito: que caia
chuva e faça frio até,
a Maria Malafaia
faz exercicios a pé.

Alguem, um dia, me disse,
sorrindo, que vindo tinha
p'ra ser escrava... (Oh! Alice
Rabello...) ...E acabou rainha!
— Que atrevidaço! Tem graça!
Vou já dizer a mamã
que o senhor madrigalaça...
— Je fais ça machinall'ment!

— Já sei. Mas tome cuidado
— Tomarei, minha menina.
A Ira Nelson Machado
vae á Embaixada Argentina...)
E emquanto a tarde desmaia
junto á porta do Alvear,
Biela, Alice, Malafaia
vão sumindo, leves, no ar...

ON.

PRECIOSA TONELADA

— Foi hontem, seu Juventino. Estivemos na Exposição e fomos passear no tremzinho.
— E que sensação sentiu V. Ex.?
— Nenhuma. O tremzinho não se mexeu. A machina não tinha força.

(Des. J. Carlos)

Dora Duby, — Lecticia Flora de Nova York...

SOBRE O TUMULO DE WILDE

Em Paris, ha vinte e dois annos, num outono civilisado de acacias e castanheiras, havia dois "landeaux" ridiculos de duello parados á porta do Hotel de Alsacia, rua das Bellas Artes.

O "faubourg" estava assustado: tinha morrido ali um homem exquisito, que tinha este nome exquisito: Sebastien Melmoth de Berneval. Dentro do hotel suburbano, moviam-se treze homens, seriamente de preto, muito incommodados com o cheiro do phenol, olhando um cadaver..

E esse cadaver — que era o de um gigante fino e bello — ficou alli, quasi sozinho, tres dias. Depois sahiu, muito pobre, num esquife negro coberto de estrellas que deviam ser de prata, e de algumas flores desconsoladas. E entrou, por uma porta lateral, em Saint Germain-des-Prês; e ouviu uma missa baixa, por um padre escossez; e seguiu depois para o cemiterio de Bagneux. Atraz delle ia um cortejo desconjuntado: Paul Fort, Jean Lorrain, Laurent Tailhade, Lugné-Poe, outros homens de intelligencia e, afinal, um moço formosissimo, que tinha uma lagrima ingleza nos olhos lindos, e estava todo de preto e levava um lyrio desfallecente na mão languida. Alfred Douglas... Parece que este senhor novo ia rezando o refrão de uma ballada escripta, havia dois annos, numa prisão de Inglaterra: "Todos os homens matam o que elles amam; uns matam com um olhar de colera, outros com palavras acariciantes; o covarde mata com um beijo, o valente, com uma espada..." Devia ser assim mesmo. Elle acreditava que era assim. No emtanto, elle não tinha ira nos olhos, nem vozes doces nos labios, nem a forma de um beijo na bocca, nem uma espada despida na mão. E matara tambem. Matara o gigante bello que ia no esquife pobre: Sebastien Melmoth de Berneval. Não, este nome era feito só para o hoteleiro da rua das Bellas-Artes; o outro nome, o verdadeiro, era este: Oscar Fingall O'Flahertie Wills Wilde; mas o grande nome era menor: Oscar Wilde. Dois mezes antes, este homem tinha feito a sua ultima phrase, bebendo o seu ultimo absyntho. "Aquelle que vive mais de uma vida, deve morrer tambem mais de uma morte". — E quantas vidas elle vivera! A do arbitro delicado do West-End, que aconselhava ás duquezas uma sêda imprevista ou um perfume desacostumado... A do dandy misogyno, que fazia a mocidade dourada de Charing Cross encher as sacadas dos clubs de Pall Mall, para vel-o passar no nevoeiro, todo inedito na sua capa preta e com o seu cravo verde ao peito, e que parecia Alcebiades e parecia Petronio... A do poeta, a do pensador victorioso, que poz uma fascinação nova e perversa em toda uma literatura castissima cheia de heroes desagradaveis, que eram pastores protestantes a beber chá, jogar "tennis" e discutir a Biblia durante trezentas paginas de romance... A do senhor perfeito, das perfeitas maneiras, que a republica enorme do norte da America, enorme e "parvenue" importára temporariamente, como se importa um Manual do Bom Tom, para seu "chaperon" social... A do odiado — a mais voluptuosa victoria para um homem de talento — que provocava, com a sua apparição preciosa numa sala de elegancias e de idéas, a retirada irritada dos puritanos inglezes de roupas mal feitas, e fazia o marquez de Queensbery quebrar a linha ancestral, traçando, cheio de odios excitantissimos, inscripções injuriosas, com o diamante do seu anel de armas, nos espelhos de Matermale Club...

"Aquelle que vive mais de uma vida, deve morrer tambem mais de uma morte. E quantas mortes elle morreu! A morte domestica, a do que perdeu e viu saqueada a casa familiar, o 19 de Tite Street, onde, entre lacas claras, sobre cretones côr de maçã, presidia a attitude branca do Hermes de Praxitéles, e sorria a belleza suave de uma Sarah Bernhardt por Bastien Lépage, e imperava a elegancia moça de um seu retrato por Arthur Pennington; e onde a linda senhora Wilde trazia pela mão de rosa, familiarmente, Cyrillo e Viviono, os dois bebês adoraveis... A morte social — a do que ouviu o seu nome sonoro tornado a etiqueta de um vicio, e viu-o supprimido e condemnado na patria protestante, e substituido por um "he" (elle) simples e despresivo, aspirado com repugnancia, entre um gole de "stout" e uma baforada de "maryland" repulsivo. A morte do espirito — a do que, cheirando a ether e bocejando pelas mesas do "François Prémier" ou do "Procope" via-se forçado a ir apenas repetindo as phrases finas que collecionára antes do carcere, quando vivia finamente... A morte da elegancia — a mais dolorosa — a do que acceitava o "whisky and soda" do amigo complacente e fechava os olhos para o espelho do "bar" para não ver o corpo que engordára feiamente no "hard labour" de Reading e que enchia mal um costume comprado feito na Belle Jardiniére, e que gesticulava um gesto desconsolado de punhos de celluloide... E agora, a morte commum, a morte de todos, a democrata, a detestavel porque iguala... E elle teve, no cemiterio de Bagneux, um marmore republicano, com esta inscripção carrancuda:

R. I. P.
Oct 16 th. 1854 — Nov. 30 th 1900
Oscar Wilde.
Verbis meis addere nihil audebant, et super illos stillabat eloquium meum. (Job. XXIX)

Nem uma cruz. No entanto, elle morrera catholico. Quizera, como sonho ultimo de belleza, a pompa do mais faustoso de todos os ritos. Bem mais tarde, uma admiração piedosa e até agora anonyma, deu-lhe um monumento no Pére-Lachaise.

Era uma estatua bella, em que Eptein attribuira ao corpo do genio infeliz, uma languidez feminina de formas. Pariz, de rabona e tubo, escandalisou-se e julgou immoral o monumento. Laurent Tailhade defendeu-o sem bom humor — e os senhores da prefeitura tiveram a prudencia de um consentimento silencioso. E o escandalo de bronze lá está, na quadra 89 a,

Jane Duflos, — de Paris

avenida Carrette, perto do Colombarium, entre o tumulo de A. Vigneron, commissario geral da Sociedade dos Artistas Francezes e o jazigo burguez de uma familia Papeill.

Na fachada só o nome. E, atrás, uma inscripção immensa:

> "Oscar Wilde, author of "Salomé" and other beautiful works. He died fortiified by the sacraments of the Church, on November, 30 th. 1900, the Hôtel d'Alsace, 13 rue des Beaux Arts, Paris. R. I. P."

E, repetida, a lamuria latina do paciente Job. Uma porta de bronze fechando a capella. De vez em quando — contam — uma piedade desconhecida cobre de crysanthemos amarellos o sarcophago de marmore preto. E é tudo. E é assim que Paris guarda o esqueleto de um homem que não poude caber em Inglaterra.

*

Faz hoje vinte e dois annos que Wilde morreu. Eu lembrei-me disso, na preguiça deste dia tropical, quando, ha pouco, estava vendo S. Paulo desfilar, todo de "organdy" e "Palm Beach" muito claramente, pelas ruas cheias de andaimes e de sol. E tive o pensamento amavel de evocar o grande amigo do meu espirito, que leio todos os dias, de "store" descido, e todas as noites, de lampada velada.

Eu nunca falo delle a ninguem, porque... Não sei... Mas S. Paulo anda quasi sempre todo perdido em nevoeiros como Londres: S. Paulo passa depressa, pelas ruas, como os corretores da City: S. Paulo tem camiseiros tão bons como qualquer dos onze mil de Burlington: S. Paulo fuma tabaco lavado e pensa ao pé do fogo, enterrado no abysmo molle das Mapples, como a cidade do Tamisa. E eu tenho medo de que os meus patricios sejam, de alma, tambem como os londrinos, e não saibam conter um nojo puritano quando ouvirem o nome do homem de que gosto tanto... Porque esse homem — dizem — commetteu crimes infames. E foi condemnado a dois annos de "hard-labour" na tristeza de Reading. Crimes infames, "crimes contra a natureza" — disse a sentença severa. Contra a natureza de quem? De muitos, sem duvida; mas não contra a sua natureza. E elle teve o bom gosto de nunca acreditar na natureza, porque só acreditava na arte. Elle dissera: Uma lapela bem talhada — eis o unico traço de união que conheço entre a Arte e a Natureza." E dos juizes que o julgaram, quem sabe quantos poriam uma botoeira bem feita, que comportasse dignamente um cravo? E quantos não eram perfeitamente... impollutos, perfeitamente acceitos, perfeitamente excellentes... mas não tinham genio?

A accusação contra Wilde foi fraca. Elle poderia defender-se, e victoriosamente. Mas, para que, si elle achava que "nenhum crime é vulgar, só a vulgaridade é crime"? Era uma calumnia que se levantava contra elle? Tanto melhor. O autor da "Decadencia da Mentira" devia ser coherente com a sua obra. Defendera, exaltára a mentira, porque só ella é bella, só ella prova imaginação. Viu que a sua obra estava produzindo effeitos no seu paiz: o inglez estava aprendendo a pregar mentiras lindas... Seria incoherencia revoltar-se. Acceitou o carcere — e, ao gesto antiesthetico que o aferrolhava entre as pedras de Reading, elle, o creador constante de belleza, teve a coragem elegante de responder com o delirio espiritual da "Ballada do Enforcado" e com a mystica elevação do "De Profundis".

Mas a terra, no seu egoismo villão, não se contentou com a obra: quiz tambem o artista. Até certo ponto é justo. O artista não deve sobreviver á sua obra. Wilde morreu a tempo, sem ser officialmente glorioso. A gloria é um symptoma de decadencia. Sujeita-se, como todas as coisas fracas, a todas as relatividades. Assim, a gloria é quasi geographica. Ha creaturas que se contentam muito commodamente com o applauso nacional. Estas pessoas confundem o coqueiro crioulo com o loureiro da Grecia. E' o que, geralmente, se entende por uma "gloria nacional". Em materia de gloria, o extremo maximo chama-se Ridiculo. São muitos os degraus que levam um homem, á força, até esta culminancia engraçada. Primeiro, o herõe dá o nome a uma rua; depois, tem o retrato nos sellos e nos dinheiros; depois, é fundido em bronze, definitivamente, para a praça publica; depois, é posto em vitral, e, finalmente, cantado em opera. A opera é o supremo grotesco. Guilherme Tell é dos que não escaparam... Depois da opera, a gloria, não podendo fazer nada mais, começa a negar a existencia do herõe, como vem acontecendo com Shakespeare.

Maud Jardin, de Paris

Doris Humphrey, dansarina do "Orpheum Circuit"

Felizmente, Wilde foi negado antes: está livre deste perigo exquisitissimo. No mundo, para a gente ter a desgraça de ser glorioso, é preciso parar na frivolidade. Porque os homens ainda não comprehenderam que a frivolidade é o que ha de mais serio. O principal não tem importancia.

*

Um homem que se convence destas coisas, e de outras, é considerado um anormal. E' um favor que se lhe faz. Ser normal deve ser um supplicio, uma tentativa inutil e constante para fazer qualquer coisa de fóra do commum.

Eu ainda me recordo da mascara de repugnancia que um inglez purissimo armou quando lhe mostrei, da poltrona vestida de branco de um "pullman-carr" um livro amarello que eu ia lendo — "O retrato de Dorian Gray". Foi ha pouco tempo. O prefeito de Cork estava morrendo de fome. Eu lembrei-me de que Wilde tambem era irlandez... O inglez

(Conclue no fim da revista)

BONS NEGOCIOS

— E' a Marina. Arranjou-se na vida. Alugou uma casa e dois mezes depois casou com o senhorio.
— Chama-se a isso: casamento por inquilinação.

(Desenho de J. Carlos).

*Conta-se que um cavalheiro, aborrecido de um "Ford", comprado num instante de allucinação, annunciou que o venderia por quinhentos mil réis, em tal dia, á hora tal, em tal logar. Não appareceu nem um comprador. O cavalheiro annunciou novamente: venderia o "Ford" por tresentos mil réis. Ninguem. Outro annuncio: por duzentos; e outro: por cem, e outro: por cincoenta... Ninguem, ninguem, ninguem... Então, resolveu o dono já neurasthenico do terrivel carro avisar que o daria de presente á primeira pessoa que comparecesse em tal dia, á hora tal, em tal logar. Cinco minutos antes, quando se dirigia para o local designado, notou uma grande quantidade de automoveis "Ford" seguindo na mesma direcção. E lá, a quantidade era maior ainda. Espantado, poz-se a indagar o que significava aquillo. E soube que todos os que possuiam um "Ford", na cidade, tinham lido o annuncio e aproveitado a occasião **para se verem livres da** sua machinazinha...*

Nos Estados Unidos e na Europa, o annuncio nos jornaes não chega. Os vendedores de automoveis recorrem a systemas variadissimos no intuito de espalharem a mercadoria. A's vezes, empregam actores comicos, que atrahem gente aos logares publicos. Logo que se junta a multidão, o actor fica sério e fala sobre as vantagens do automovel, como se vê na primeira photographia, ao lado. Afim de indicar a conveniencia de seu carro de turismo, o negociante o expoz sobre um chão de areia, rodeando-o de lindas mulheres em trajos de banho... E' o que está na gravura do centro. A ultima, em baixo, mostra como outro negociante de automoveis e pneumaticos soube fazer a "réclame" dos seus productos durante uma parada industrial...

Alguns methodos originaes a que se recorre para vender automoveis.

◇

Uma das cousas principaes da banalidade de quasi toda a literatura actual é certamente a decadencia da mentira considerada como uma arte, uma sciencia e um prazer social. Os antigos historiadores apresentavam-nos deliciosas ficções sob a forma de factos; o moderno romancista offerece-nos factos estupidos á guisa de ficções. — Oscar Wilde.

COMEDIAS E COMEDIANTES

POR QUE NÃO ? *Sabemos perfeitamente que a moldura do* Trianon *não comporta pesados problemas sociaes. O publico que o frequenta deseja, tão só, passar duas horas alegres. Porém, eu de mim penso que, a essa mesma platéa, se pódem mostrar alguns quadros da vida, sem discutir theses, mas menos vazios de idéas e mais solidos na estructura scenica do que os que formam o fundo do repertorio d'aquelle theatro. N'estas palavras não vae a menor intenção de desprestigio para os autores das peças ali representadas, mas apenas o desejo de ver o Theatro encaminhar-se para a verdadeira comedia. E' necessario orientar a sensibilidade dos espectadores para uma arte mais perfeita e mais util. O theatro não deve ser unicamente um negocio. Não nos esqueçamos de que, entre todas as artes, é o mais poderoso porta-voz de idéas e o mais efficaz instrumento de moral.*

LA' POR FÓRA *Os theatros da Cidade Luz, ha dois annos a esta parte, estão vivendo de* réprises. *As poucas peças novas que têm dado, excepção feita de alguns vaudevilles e revistas, não se mantêm muito tempo em scena. A novidade sensacional d'este inverno foi a* Judith, *de Bernstein, no Gymnase, de que esse dramaturgo é o emprezario. O guarda-roupa e os scenarios foram confiados a dois artistas russos, Bakst e Soudeikine, que realisaram prodigios de bom gosto e de arte. Nem toda a critica foi favoravel á peça. Resultado: autor e criticos descompuzeram-se pelos jornaes.*

Retratos indiscretos: ANGELA PINTO

◇ *O* Concert Mayol *levou á scena uma revista,* Oh quel nu, *em que as actrizes, coristas e dansarinas se apresentaram vestidas (?) com tão pequena quantidade de fazenda, que um critico propoz se trocasse o titulo para,* Tudo nú.

◇ *O russo, em dansas,* sketchs, *musicas e modas, continúa em grande voga, em Paris. As dansarinas russas, essas obtêm duplo exito... O refugio de todo esse exotismo é o Theatro dos Campos Elyseos.*

◇ *Em Londres só se representam peças francezas. E' a coqueluche* smart. *Até a indefectivel* Phi-Phi *lá está em scena,* puxando *para ver se fica tres annos no cartaz, como ficou a celebre* feerie *anglo-chineza* Chu-Chin-Chow.

◇ *Berlim tambem padece do snobismo pelas gentes e cousas russas. Cafés, cabarets e theatros formigam de artistas russos. No Lessingtheatre está fazendo furor a afamada* troupe *do Theatro d'Arte, de Moscow, dirigida pelo grande ensaiador Stanislawski, que é, na Russia, o que são Max Reinhardt, na Allemanha, e Antoine e Geinier na França. No Theatro d'Arte, uma poltrona custa 22 milhões de rublos. O preço não impedia as enchentes, dizem os jornaes moscovitas.*

Actores do passado: MATTOS E PEIXOTO

CA' POR CASA *O momento é de anciedade. Anceia-se pela estréa da companhia Christiano de Souza, com* O homem do cinema. *Estrella: Maria Lina. Theatro... Rialto. Será mesmo ?*

◇ *Anceia-se pela estréa da companhia de revistas que irá funccionar no Recreio. Emprezarios em penca. Nada menos de seis; quatro do panno de bocca para dentro, e dois do dito panno para fóra. Não contando com o* sombrinha *que* leva os captivos *na cesta.*

◇ *Outra grande ancia é a que provoca a companhia da* Chimera. *Os artistas e os amadores estão-se* muscando, *como quem está com medo de que o* sonho *vire pesadelo. A D. Maria Antonietta, segundo os* tesouras, *disse que o* cobre *não é Luiz XVI para morrer...*

◇ *O pessoal do S. José tambem tem tido seus anceios... por causa da revista da parceria C. M. - C. B. (E' favor não ler Conselho Municipal, cabeças de burro...) D'ahi troca de* gentilezas *pelas columnas dos jornaes.*

SO' PARA MOER *Está aberto um concurso de respostas. Premios: ao 1º vencedor, as obras de Fonseca Moreira; ao 2º dito, a collectanea dos artigos de João de Talma; e ao 3º dito, a collecção de peças (obra assignada) dos autores condicionaes da S. B. A. T. (Sáe Bestiologico Aproposito de Tudo).*

— Por que é que a distincta escriptora V. S. affirma que o escriptor theatral V. C. foi baleiro ?

— Por que é que o autor das F. de S. diz que o G. T. é comediographo hespanhol ?

— Por que é que o G. T. diz que o A. B. R. escreve comedias sobre fitas... de papel ?

Sabbado tem mais.

◇ *A' porta do Rialto. A Natalina Serra, vendo passar o eterno* Sympathico Jeremias, *diz para um collega:*

— Lá vae o Dr. Ferois... Já annunciou que vae para a Oropa... *Em chegando o verão e, com elle, as* vasantes, *já se sabe, o doutor diz logo que vae para fóra...*

◇ *O Viriato Corrêa é incansavel; fez a* Jurity *opereta, a* Jurity *comedia, concluiu já a* Jurity *drama (para a Batalha da Chimera) e está preparando a* Jurity *tragedia para a Sra. Italia Fausta. E como os Segretos brigaram com a parceria, é possivel que tenhamos a* Jurity *revista.*

PARA FECHAR A PORTA *Entre uma actriz e um* gabirú *á porta do theatro... na zona do Rocio:*

— Desculpe, cavalheiro, não vivo só.

— Não faz mal, eu não sou ciumento.

ZE'. FISCAL.

A fachada do novo Theatro São José e uma vista da elegante e confortavel platéa, tirada de frente

O NOVO THEATRO SÃO JOSE'

Na proxima quinta-feira, 7 de Dezembro, haverá na linda casa de espectaculos da Praça Tiradentes, uma primeira sensacional: a da revista de Rego Barros, versos de J. Praxedes e musica de Luz Junior: "Lá vae bala!", com montagem sumptuosa, inexcedivel em belleza. "Lá vae bala!" foi escripta com a preoccupação de excitar o riso, o que seu autor conseguiu com grande habilidade, tecendo varias situações de um comico irresistivel. Graça sem licenciosidade! Peça para as familias! A empreza, querendo de algum modo corresponder á gentileza do publico, que tanto tem affluido aos espectaculos do novo theatro S. José, firmou contrato, em Buenos Aires, com um syndicato de artistas para a remessa dos numeros mais attrahentes, que apparecerem ali. Já no proximo dia 7, estréarão, no S. José, quatro numeros de grande effeito. Preços populares.

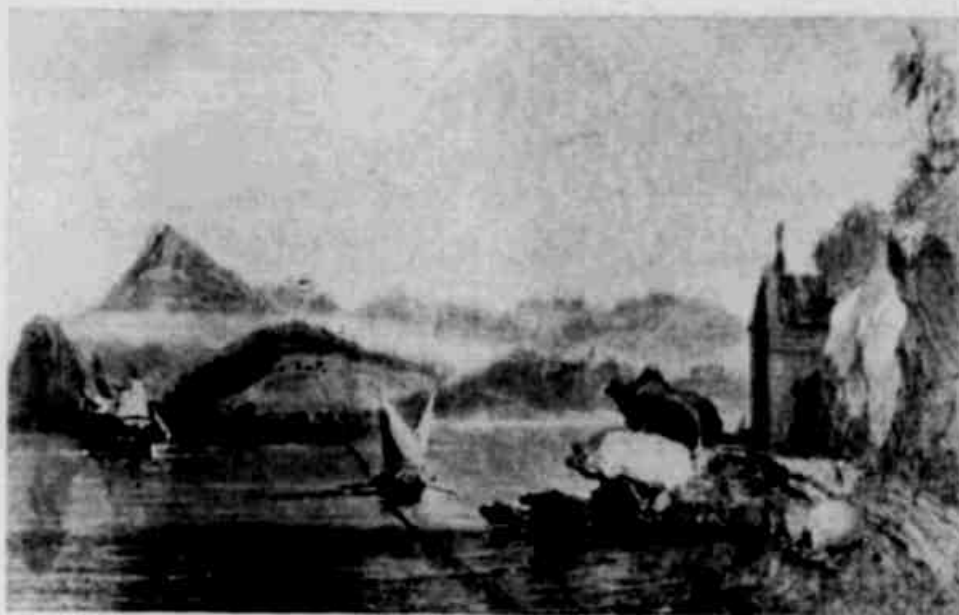
O BOM CORONEL

(Desenho de Luiz)

ELLA — O senhor é ideal, *seu* Simplicio. Já me comprehendeu. Primeiro a joia e depois as mensalidades.

TERRA CARIOCA

O OUTEIRO DA GLORIA

Em 1671, na colina que beirava um recanto da bahia de Guanabara, erguia-se uma ermida construida toscamente em barro e madeira; era a devoção da Virgem da Gloria, obra do ermitão Antonio de Caminha. Durante annos permaneceu a pittoresca capella, completamente isolada do borborinho do centro da cidade, então bem distante... Unicamente os devotos faziam o sacrificio de galgar a ingreme ladeira, para implorar as boas graças da "Virgem Mãe de Deus e dos homens". De nada valiam, entretanto, as esmolas e a devoção dos fieis, a ermida continuava sem os attractivos de architectura, mesmo modestos; aos poucos se desmantelava, arrastando na sua ruina a poesia do voto de Antonio Caminha. Não quiz, porém, a Virgem que o sanctuario desapparecesse: "Em 1699, recebeu a irmandade, instituida nesse sanctuario, um valioso donativo. Compareceu em 20 de Junho desse anno, perante os irmãos da Senhora da Gloria, o Dr. Claudio Gurgel do Amaral, e na presença do vigario geral Dr. Manoel da Costa Cordeiro, do tabellião Manoel Alves do Couto e testemunhas, declarou que fazia doação á Senhora da Gloria de um outeiro de terras, que possuia a titulo de compra, que fizera ao capitão Gabriel Rocha Freire, para no dito outeiro edificar-se uma ermida á mesma Senhora, que fosse permanente; e não sendo assim, ficaria revogada a doação e sem mais condições de que na dita ermida dariam sepultura a elle doador e a todos os seus descendentes, e a quem lhe parecesse". (Azevedo — "O Rio de Janeiro"). Desse valioso donativo surgiram as bases do templo, que ainda hoje embelleza uma das mais pittorescas elevações do Rio de Janeiro. A sua construcção definitiva foi iniciada pelo conego Francisco da Costa Corvenil, que não teve a ventura de ver a sua obra realisada, pois a morte o surprehendeu dois dias antes do Natal de 1711.

Enseada da Gloria, em 1805 (Des. de Rugendas)

Em 1850

Em 1715, a irmandade iniciou a edificação da igreja no mesmo local, perpetuando assim o voto de Antonio Caminha; não se sabendo ao certo o tempo que durou a sua construcção. Reorganisada, a irmandade tratou de fazer o seu "compromisso", ao todo composto de vinte e quatro capitulos; o compromisso prestabelecia que para ser irmão de Nossa Senhora da Gloria, era obrigada uma esmola de 640 réis, e pagava-se annualmente a importancia de 480 réis. Um capitulo curioso do compromisso era sem duvida o II, que rezava o seguinte: "Não se accitará por irmãos desta irmandade pessoa, em que haja suspeita ou rumor de infesta nação, nem pardos; no que ha de haver grande cuidado". Outras curiosidades offerecia ainda o "compromisso", como é facil verificar pelo capitulo XII: "Os irmãos desta irmandade não acompanharão os irmãos defuntos á sepultura por causa da distancia que ha da cidade á igreja". O "compromisso" foi approvado pelo bispo a 7 de Janeiro de 1740.

O estylo da Igreja "é daquella bastarda architectura de Luiz XV, que no original era ao menos elegante, caprichosa, mas que depois de "traduzida" para Portugal em "prosa chilra", como disse Garret, chegou-nos mais imperfeita e degenerada". A sua decoração é simples e interessante. Os marmores dos porticos são bem trabalhados, as arcadas de pedra enriquecem o ambiente e emprestam-lhe uma austeridade respeitavel. Encimando o cruzeiro de granito existe um oculo de vidro, onde as armas do Brasil, em talha dourada, brilhavam no tempo dos imperadores, trabalho que foi offerecido á irmandade em 1857, por José Gonçalves Valle Brandão. O tecto da capella-mór é pintado, destacando-se o painel da Assumpção; as paredes são decoradas por uma barra de azulejos trabalhados, representando episodios sagrados da Santa Escriptura. A execução desses azulejos é notavel, honrando sobremaneira o seu autor. A obra de talha dourada que existe na Igreja foi executada pelo artista Anselmo, que tambem era tenente do terço dos pardos no tempo dos vice-reis. Quadros interessantes ornamentam os muros do templo, um delles foi offerecido por José Venancio da Assumpção em 28 de Outubro de 1854. Um outro, representando a galera "Theodora" em luta com o Oceano, foi doado pelo capitão André Antonio da Fonseca, que viu no seu salvamento a intervenção da Virgem. Relembrando essas promessas, Frei Francisco de S. Carlos escreveu:

"Aqui nautas virão cumprir o [voto,
Trazendo em hombros o velacho [roto;
C'o a roupa mal enxuta, inda [assustados,
Dos euros e escarcéos encapel- [lados.
Virão tambem Romimpetas trazidos
Da devoção, de offertas opprimidos".

Outros quadros existem na igreja; de 1827 data o que está na capella-mór; relembra a téla, uma quéda que D. Pedro deu em 30 de Junho de 1823, quando voltava da fazenda do Macaco, ao approximar-se da ladeira vizinha ao paço de S. Christovão. Na quéda, S. Magestade bateu com as costas em terra; depois de muito esforço levantou-se e pediu soccorro, sendo ouvido pelos soldados da guarda do telegrapho; a imperatriz, chegando com um criado, fez com que o imperador fosse recolhido ao paço e examinado pelos medicos, que constataram a fractura das costellas, contusão nos musculos e no quadril.

Em 1922

O quadro foi collocado na igreja por iniciativa da imperatriz, que era fervorosa devota de Nossa Senhora da Gloria.

As paredes da sacristia são tambem ornadas com finos azulejos que lhe dão um aspecto agradavel. Por baixo do côro fica a casa forte, onde são guardadas as alfaias, joias e mais objectos de valor pertencentes á Virgem e á irmandade. As lampadas de prata que pendem do arco cruzeiro foram offerecidas por D. Pedro II e D. Thereza Christina; da igreja, foram, em certa occasião, roubadas tres grandes lampadas de prata, sendo uma dellas doada pela imperatriz D. Maria Leopoldina. Ao tenente-coronel José Cardoso Ramalho é attribuido o projecto de tão pittoresco templo.

Factos emocionantes, tiveram por scenario a graciosa igreja, salientando-se os passados com a

Em 1810 (Desenho de Rugendas)

familia imperial. Moreira de Azevedo assim narra os acontecimentos: "Nascendo em 4 de Abril, domingo de Ramos, em 1819, no Rio de Janeiro, a primeira filha do principe D. Pedro, contava um mez menos um dia quando foi baptisada, recebendo os nomes de Maria da Gloria, Joanna, Carlota, Leopoldina da Cruz, Francisca Xavier de Paula, Isidora, Michaela, Gabriella, Rafaela, Gonzaga (!) Houve solemnes festividades nos dias de nascimento e baptismo da princeza, que no domingo 27 de Julho de 1819 foi conduzida por seu avô ao Sanctuario da Gloria, e apresentada á Nossa Senhora.

Desde a vespera decorára-se a igreja com magnificencia, accendera-se alli brilhante illuminação, e queimára-se muito fogo de artificio, cousa indispensavel em muita festa real daquellas épocas. O rei, a rainha, os principes e a princeza recemnascida, recebidos na ladeira pela nobreza e pela côrte, entraram no templo, fizeram oração, ouviram missa pontifical, sermão e assistiram a um "Te-Deum", findo o qual salvaram as fortalezas, os navios, estalaram foguetes, e repicaram os sinos".

....

"Seguindo o exemplo de seus antecessores, D. Pedro II encaminhou-se no dia 5 de Abril de 1845 á Igreja da Gloria, e tendo seu filho nos braços, collocou-o no altar, e de joelhos supplicou para o recemnascido a protecção da mão do Redemptor".

A 15 de Agosto festeja-se annualmente a Senhora da Gloria; outr'ora, uma verdadeira romaria era attrahida pelos festejos, e os mais ricos vestuarios e as mais caras joias eram ostentadas. Como os meios de conducção na época eram deficientes, era

Vendedoras de bug'gangas e quitanda, na festa da Gloria, antigamente.

habito a construcção de casinhas para os romeiros, proximo á ladeira e por traz do adro; essas casinhas eram habitadas pelas familias 15 dias e ás vezes, um mez antes da festa. A frequencia era notadamente elegante e aristocrata; á festa, compareciam os vice-reis, D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II. Pires de Almeida conta: "Invariavelmente, a 5 de Agosto, vespera das novenas, um grupo de devotos ia para a sacristia da igreja, onde se encontrava a imagem, e ahi, após a oração e confissão, mudavam-lhe as riquissimas vestes com que devia figurar no throno. Esse serviço, de purissima devoção, era feito pela manhã; á noite, o templo illuminava-se externamente, annunciando que, no dia seguinte, principiariam as novenas. Entre os encarregados de revestir a imagem, para figurar nas novenas, havia a irmã cabelleira, matrona da alta nobreza e a quem cabia pentear e ornar a cabeça de Nossa Senhora, paramentada para a festa, com todos os seus diademas e custosissimas joias".

....

"Do largo da Lapa, subindo a rua desse nome e prolongando-se até ao largo da Gloria, estendiam-se, aos lados, as quitandeiras ambulantes, com os seus taboleiros de doces e confeiçoados de amendoim, em cestinhas e cartuchos de rendado papel; ao passo que, do lado da praia, e pelos beccos circumvizinhos, o "Philosopho do cães" e o "Fortelida", qual figurinhas obrigadas dessa romaria, e as beatas de mantilha se esgueiravam silenciosas, fugindo á molecada infrene, que as perseguiam aos assobios, varejando-lhes ás costas tatuys e areia salgada".

Os prégadores que se faziam ouvir eram os da élite da oratoria: Monsenhor Marinho, conego Barbosa França e o notavel Mont'Alverne. Com a musica, observava-se o mesmo criterio de selecção; o padre José Mauricio emprestava o seu talento, compondo novenas e "Te-Deum", tornando-se o compositor predilecto de tão selecto auditorio; as melhores vozes tambem se faziam ouvir naquelle tempo: Candiani, Zecchini, a condessa de Lagrange, Moller, Maria Luiza Pires Caminha Leal, Marietta Liebs e outros.

Na Igreja da Gloria do Outeiro, fez Mont'Alverne o seu ultimo panegyrico á Virgem: foi em 15 de Agosto de 1855, a convite do imperador D. Pedro II. Moreira de Azevedo assim nos conta o doloroso acontecimento: "O velho sacerdote, cégo, com a fronte pallida, a face macillenta, tendo-se levantado havia um mez do leito da doença, parecia mais um resuscitado que um ente da terra; os braços cahiam-lhe inertes, o corpo vergava-se para o chão; elle queria elevar a voz, porém a fraqueza entorpecia-lhe a lingua, queria fazer um gesto, porém os musculos mostravam-se frouxos; era uma luta do espirito e da materia, da alma e do corpo. A doença e a velhice abafavam a intelligencia do illustre sabio, o qual ainda resplandecia brilhante como o sol, porém como o sol no occaso; o orador lutava e lutava muito; daquella cabeça de fogo os raios que partiam tinham luz, mas já não tinham calor".

E assim foi o outeiro da Gloria, a quem o progresso furtou a poesia e empanou o brilho; felizmente, resta-nos a tradição... que ficou nos livros e nas chronicas daquella época...

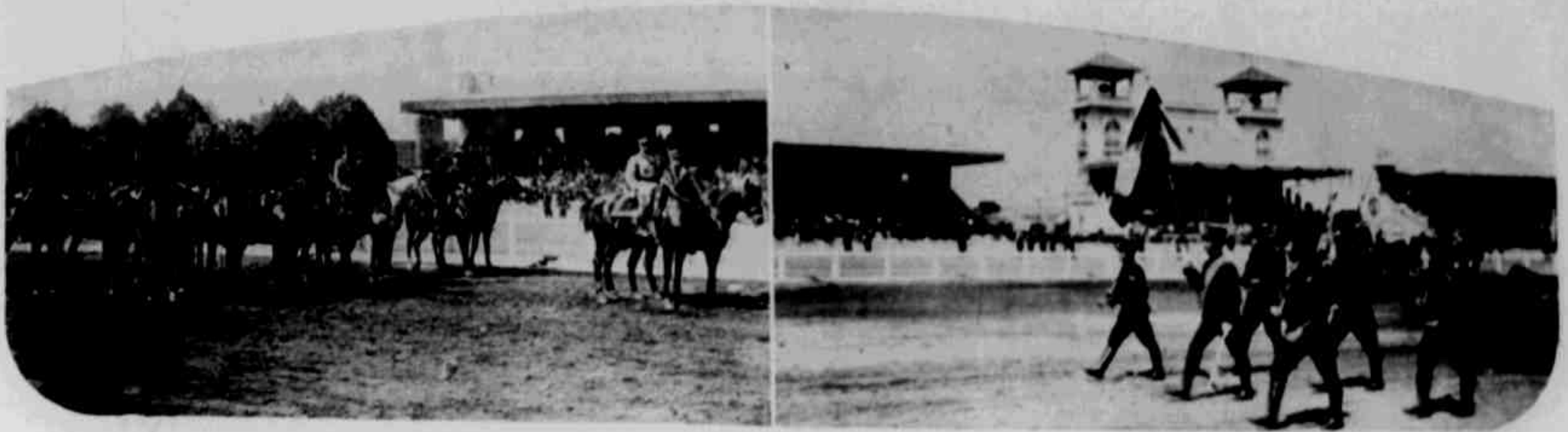
Rio, Novembro de 1922.

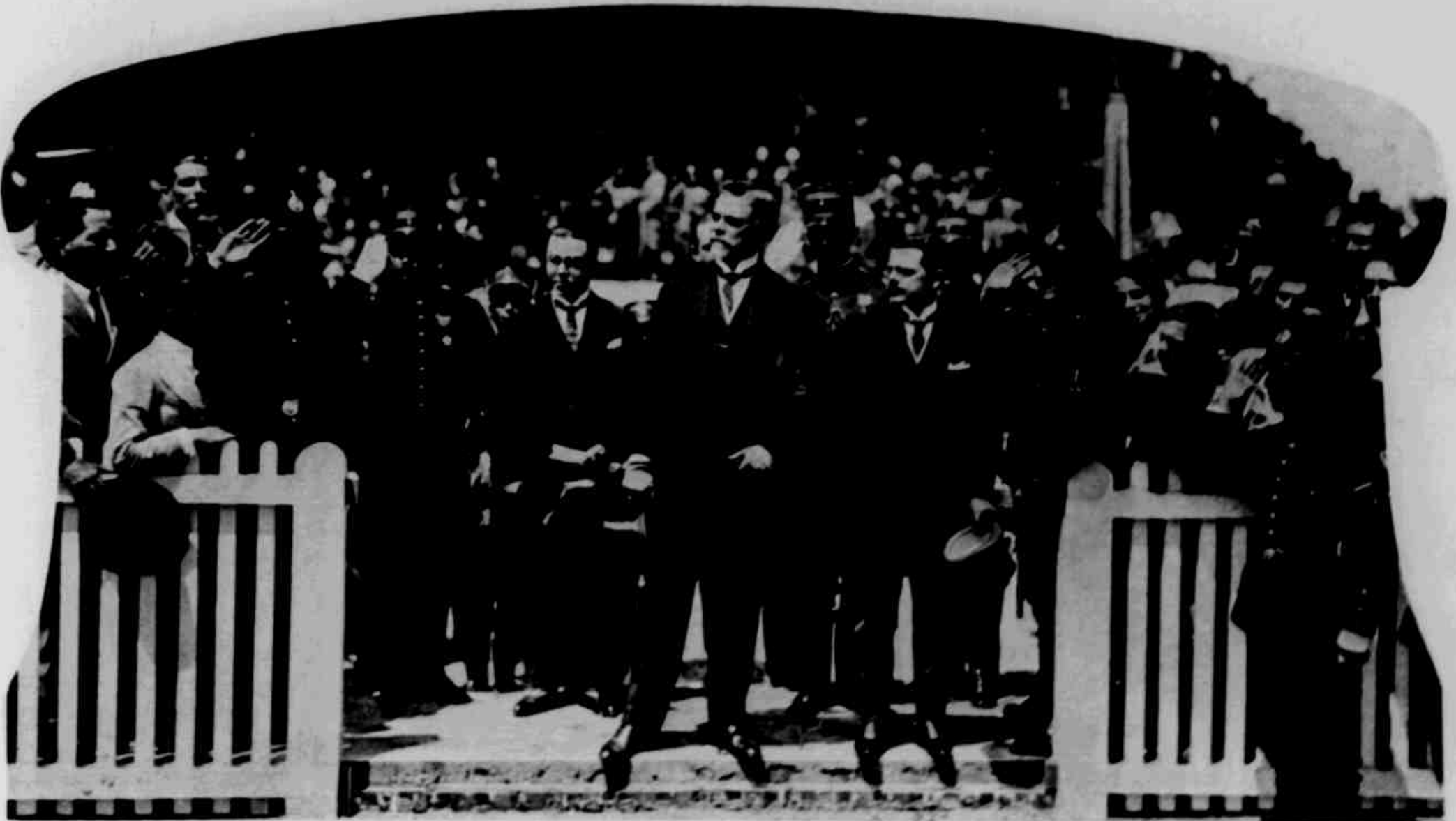
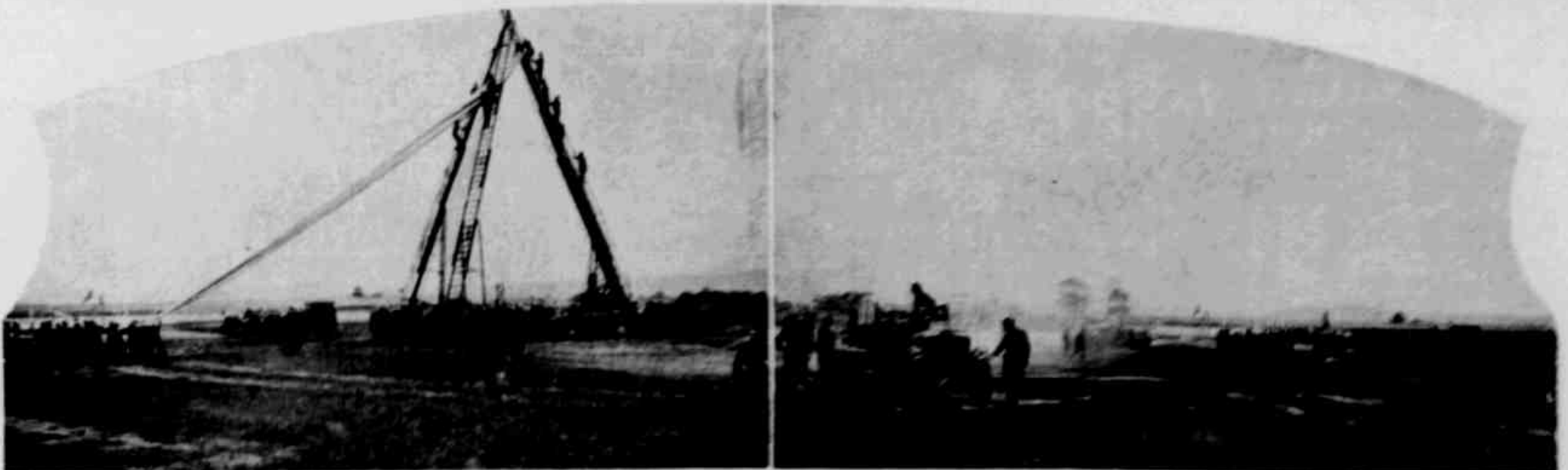
ERCOLE CREMONA.

Portico de granito, onde está o medalhão em marmore representando a Virgem com o Menino Jesus.

Altar-mór da Igreja da Gloria do Outeiro.

ORIGINAL EXHIBIÇÃO DE COLLARINHOS PARA HOMENS

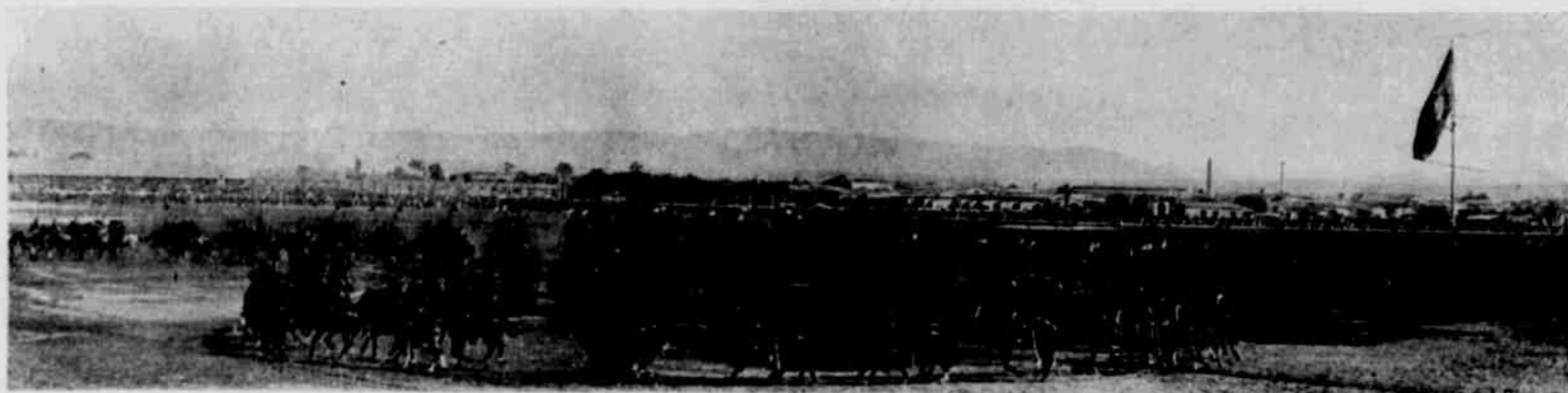
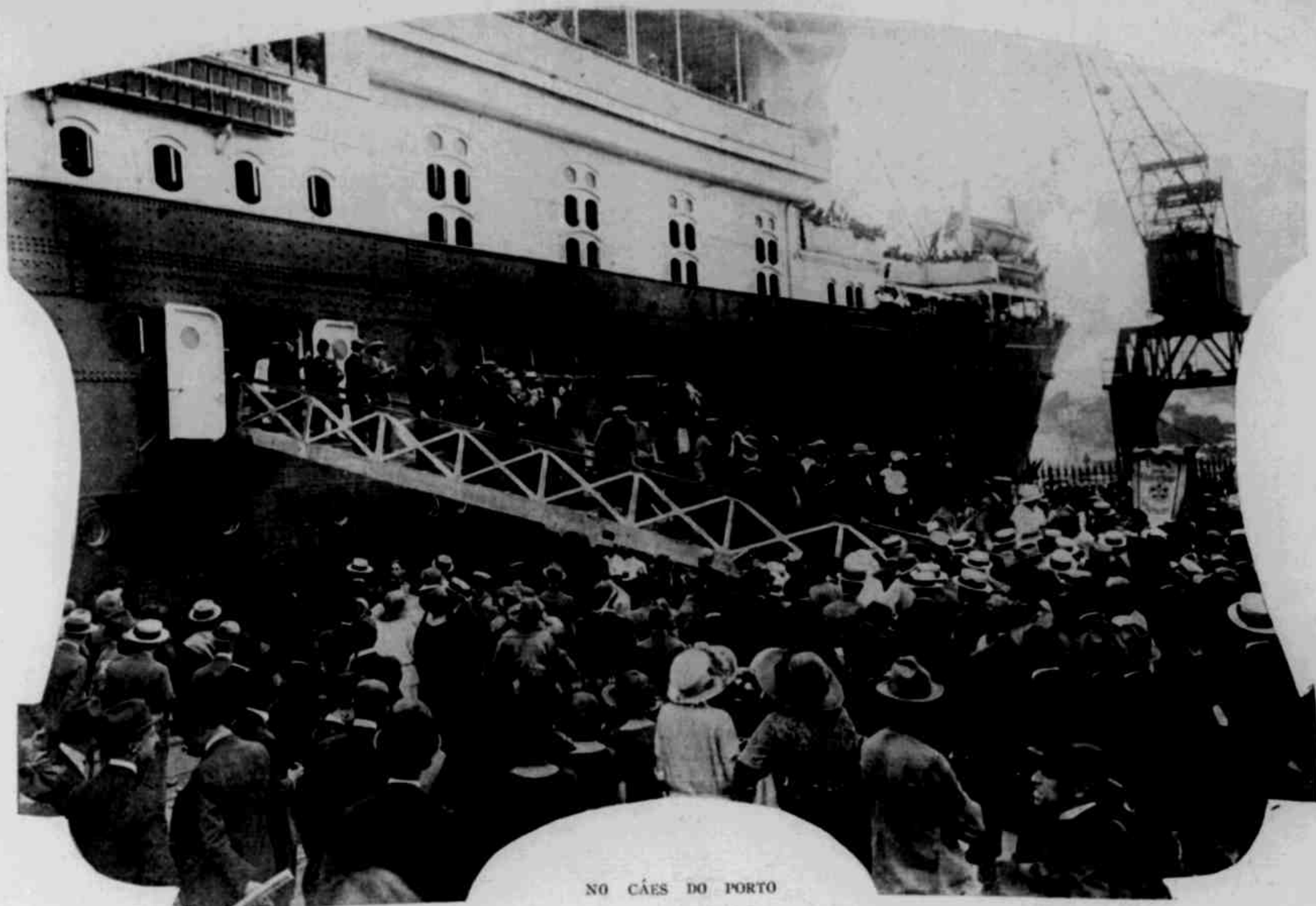
Uma das mais importantes fabricas de collarinhos e camisas para homens, dos Estados Unidos, acaba de fazer uma serie de exhibições muito curiosas. A nossa gravura mostra o recanto de uma dessas exhibições. Alli está, conforme se foi transformando ao longo do tempo, a moda dos collarinhos, desde a época dos fundadores da grande nação americana: o estylo dos Peregrinos, em 1620; os collarinhos que se usavam em 1840 e 1860. O retrato do centro apresenta um dos modelos mais modernos... Ha de tudo na exhibição, até o nosso bem conhecido e commodissimo collarinho mólle...

O estado-maior do General Nerel e o Commandante da Força, Coronel Quirino Ferreira. A Bandeira.

A GRANDE PARADA DA FORÇA PUBLICA DE SÃO PAULO

O Sr. Presidente Washington Luis, o Sr. Dr. Cardoso Ribeiro, Secretario da Justiça, e outras pessoas gradas. Photographia batida quando as bandas executavam o hymno nacional.

Exercicios executados pelo Corpo de Bombeiros. As bombas, carregadas com agua tinta de amarello e de verde, permittiram aos bombeiros fazer com esguichos a bandeira brasileira.

A tribuna official, no prado da Mooca, durante o desfile das tropas a 15 de Novembro.

Os batalhões de infantaria marchando em continencia ás autoridades.

O Sr. Presidente do Estado de São Paulo passando revista á tropa de infantaria.

Os batalhões de infantaria em marcha accelerada.

O "carroussel" pelo esquadrão de cavallaria.

NO CÁES DO PORTO

Aspecto do desembarque do Sr. Senador Conde Paulo de Frontin e sua Exma. Senhora.

METEMPSYCHOSE

A transmigração da alma de um corpo para outro, é opinião acceita por grande numero de philosophos, mas philosophos ás direitas, de espirito içado, que sabem onde param as idéas..

Elles acreditam, que nós, — antes de sermos o que somos, — já fomos outra cousa. E parece que não deixam de ter razão.

Um observador perspicaz, que se ponha de parte, a estudar seu semelhante, descobre, sem canceira, que isto de metempsychose não foi palavra só inventada para atrapalhar os gagos, mas sim nome applicado a uma theoria digna de se dar credito.

Num logar qualquer — almoço ou jantar, — banquete ou ceia, — em que se está no exercicio de mexer os queixos, a fortificar o estomago, é onde se póde facilmente fazer a observação e vir, sem medo de errar, descobrir a que familia zoologica pertenceu essa creatura antes de entrar para a raça humana. Si está á mesa e sobre esta collocam uma mãe de pintos, — assada ou em molho pardo, — e elle a devora, com terrificos dentes, chupando até os ossinhos, — não padece duvida: — foi a "raposa"!

Si come devagar, com mollesa e fastio, não tendo pressa, parecendo até sacrificio ou penitencia acabar aquella tarefa, — está descoberto: foi "preguiça"!

Si ao contrario, consome sem matigar o que apparece, naco a naco, como quem quer substancia, fujam delle: — foi "tubarão"!

Si despreza o bife, torce o nariz ao cozido, faz caretas ás almondegas, mas relambe-se todo para o repolho ou a mostarda, — mostrando ser vegetariano em tudo, — sem contestação: — foi "burro"!

Si, adverso aos legumes, só se delicia deante do churrasco, ou da costella gorda, onde mette glutonescamente o dente, esbrugando tudo até deixar o osso limpo, — não precisa perder tempo: foi "cachorro"!

Agora, si abandona tudo que é gulodice, para entrar na bebida, que engole

NA FACULDADE DE DIREITO

Despedida dos quartannistas do Prof. Castro Rabello, no encerramento das aulas de Direito Commercial.

Festa do Club de Natação e Regatas na Praia da Saudade.

com soffreguidão e estala com prazer a lingua, sumindo litro a litro, — não engana ninguem: — foi "gambá!"

Eu, quando encontro ahi pela rua, sujeito sério, grave, fingindo pedra, mas que pára, estaca, abre as narinas e reteza o pescoço, todo assanhado, a fitar a mulher do proximo, que vae passando, digo logo: — prompto, está seguro: — aquelle foi "gallo!"

JOTA SÓ.

Na tarde dansante do Tiro da Associação dos Empregados no Commercio.

LIVROS

Os Srs. Monteiro Lobato & C., com um destemor intelligente á chamada indifferença do publico, têm revelado, em continuas edições, todas muito bem feitas, varios escriptores novos, alguns donos já de individualidades livres e fortes.

O progresso, cada vez maior, dessa firma, está demonstrando que já se lê bem no Brasil...

Concorrentes da prova experimental de natação, organisada pela Federação do Remo, na enseada de Botafogo

Pequenos Poemas

DIALOGUE MUET

Le gaz pleure dans la brume,
Le gaz pleure tel un œil...

(Cantilenes — J. Moréas).

Une étoile dans la brume,
La tendresse dans ton coeur...
Que nous eumes
De bonheur!

Une étoile dans la brume,
La tendresse dans mon coeur...
Que nous eumes
De bonheur!

L'astre s'éteint dans la brume,
L'amour s'éteint dans ton coeur...
L'amour s'éteint dans mon coeur...
L'astre s'éteint dans la brume:

Que nous eumes
De bonheur!...

Jacques d'Avray.

VERDE

Quando murmuro o teu nome,
a minha voz se consome
por vencer a voz dos Écos...
quando murmuro o teu nome.

Quando os teus olhos me olham,
penso que se desfolham
as rosas de um jardim...
quando os teus olhos me olham.

Quando os teus braços me apertam,
sinto que se desapertam
as cadeias que me prendem...
quando os teus braços me apertam.

Mas si me beijam teus labios,
sinto nelles os resabios
de um beijo que já me deram...
quando me beijam teus labios...

Onestaldo Pennafort.

SOMBRAS N'AGUA

Quando o sino daqui plange maguado,
o seu vulto de passaro apparece
numa penumbra azul aureolado.

E, lenta, vae olhar a agua silente
do lago que um rosal em flôr guarnece
com os ramos recurvados tristemente...

E as rosas vão as aguas colorindo...
E Ella fica horas longas, vendo aquellas

sombras de flôres n'agua reflectindo,
e a propria imagem reflectindo nellas...

Orestes Barbosa.

OS RESIGNADOS

Os que encontram, depois de lances mallo-
[grados,
A alma, lyrio-mulher, de que andam á
[procura,
E como premio, na intenção mais pura,
Esperam pelo amor redimir os peccados,
Deitar infantilmente a cabeça em seu collo,
Proteger-se na sua innocencia e ternura...

Os que amaram demais e não foram
[amados,
Considerem, meditem a alegria,
Com que tambem ás vezes me consólo:

Não pudemos, é certo, alcançar a ventura...
Mas ficamos sabendo que existia.

Paulo Gonçalves.

A FINA, A DOCE FERIDA...

A fina, a doce ferida
que foi a dôr do meu gozo,
deixou quebranto amoroso
na cicatriz dolorida.

Pois que ardor pecaminoso
ateou a esta alma perdida
a fina, a doce ferida
que foi a dôr do meu gôzo!

Como uma adaga partida,
punge o golpe doloroso...
Que no peito sem repouso
me arderá por toda a vida
a fina, a doce ferida...

Manoel Bandeira.

E' LEVE COMO AS BOLHAS DE SABÃO

Ella parece quatro linhas tortas
De uma silhueta esguia de pavão:
Tem uns geitos assim de folhas mortas
E a leveza das bolhas de sabão...

Tem um conjuncto todo singular
E um exotismo que me agrada a vista...
Lembra um "frou-frou" nervoso de "fou-
[lard",
Tres traços de desenho futurista...

Pois esta cabecinha de cigarra,
Esta silhueta de mulher bisarra,
Sem pensar, me dá muito que soffrer...

Porque, eu, em torno della, sem saber,
Sarabandando, como as mariposas,
A arder, eu vou fazendo dessas cousas,
Que a gente vae fazendo sem querer...

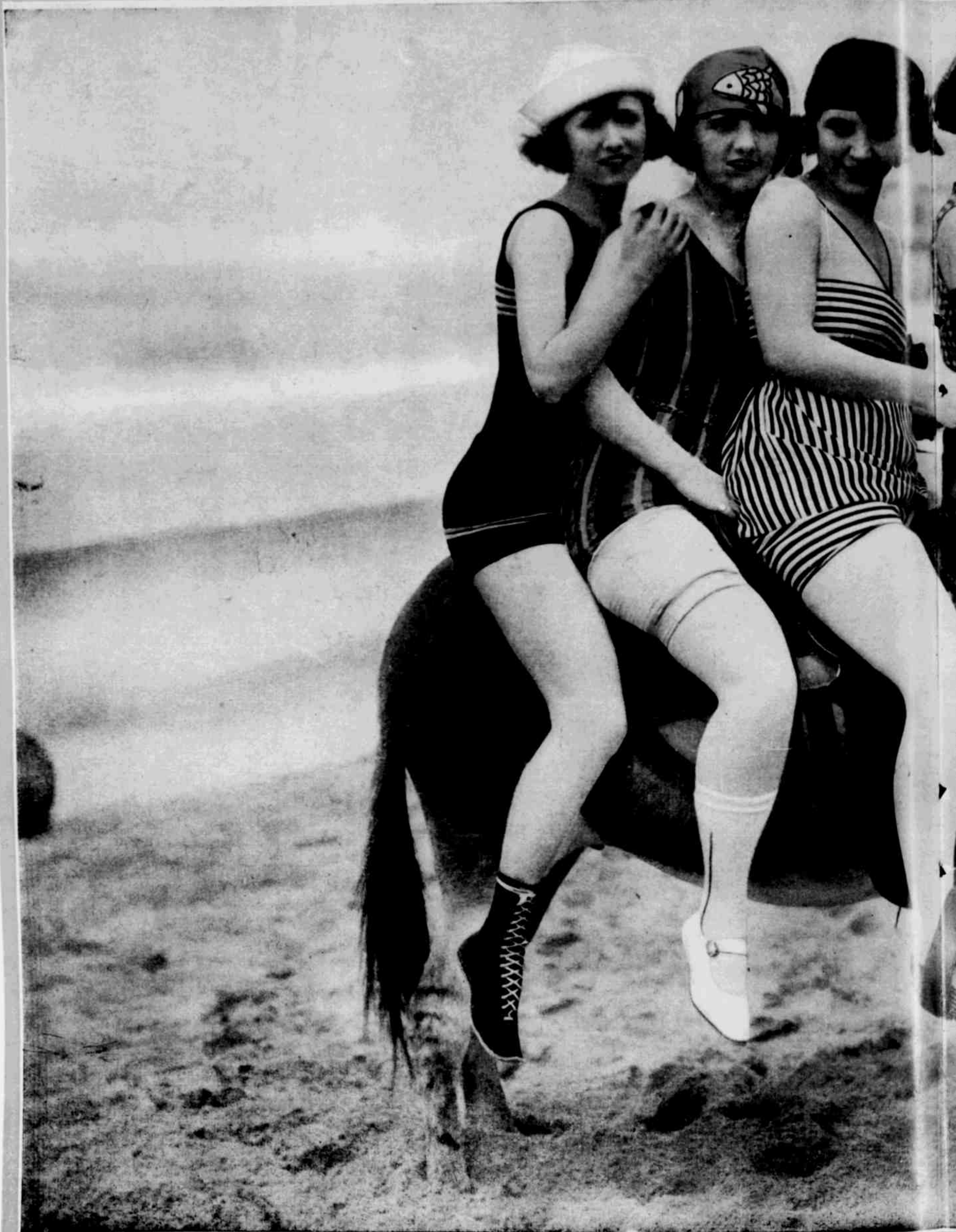
Paulo Torres.

CANÇÃO DOLENTE

Salgueiros tremulos, bellos,
meus companheiros tão bons,
vós sois como violoncellos
onde o vento acórda sons...

Melodia dos destinos,
Voz do tempo, voz plangente...
Ah! na saudade dos sinos
canta a saudade da gente...

Corujas de vida obscura,
a vossa sorte me diz
que a verdadeira ventura
é não tentar ser feliz...

Alvaro Moreyra.

No film de Gloria Swanson *The Impossible Mrs. Bellew,* algumas scenas se passam na praia de banhos de
trages de banho, desenhados por Ethel Chaffin, *costumi*

...nos de Deauville (França). Algumas lindas raparigas, entre as quaes June Horton e Elisabeth Reed, em
...*coutumière* da Paramount, figuram em scenas d'esse film.

Cinema Para todos...

Chronica

A CENSURA CINEMATOGRAPHICA

A proposito do suicidio de uma pequerrucha de seis annos, occorrido na capital paulista, varios dos jornaes do Rio voltaram as suas vistas para o cinema, inculpando-o, por seus máos ensinamentos, da eclosão desses sentimentos morbidos em organismos que a educação não couraçou ainda contra a influencia dos máos films. E a esse proposito criticaram a acção da censura actualmente feita das producções cinematographicas importadas por nossos mercados.

Realmente, póde-se affirmar que censura não existe no Brasil. Aqui no Rio faz-se através dos regulamentos policiaes, falhos e a que só a muita boa vontade dos censores consegue dar applicação com relativa efficiencia. Em São Paulo, da mesma sorte, a policia do Estado exerce a censura, que ao que nos dizem, parece controllada pelas autoridades ecclesiasticas.

Mostra isso o descaso com que entre nós tem sido encarado esse problema, que em outros paizes possue já copiosa legislação.

Ha de haver tres annos, um deputado sergipano, o illustre jurista Dr. Deodato Maia, justamente alarmado com esse descaso, propoz ao Congresso a creação da censura federal, *que serviria para todo o Brasil, por meio de um departamento directamente subordinado ao Ministerio do Interior e constituido por pessoas entendidas em assumptos pedagogicos, artisticos literarios e... cinematographicos.*

A censura seria exercida por uma commissão, e os films classificados como proprios para toda a classe de espectadores, proprios para adultos e improprios.

Com isso se conseguiria evitar em grande parte a nocividade de certos films. O certificado, fornecido pela repartição da censura, acompanharia as copias por todo o Brasil e qualquer autoridade do mais infimo logarejo poderia, exigindo a sua exhibição, concorrer para a efficiencia da fiscalisação.

Esse projecto jaz mergulhado na pasta de uma das commissões da Camara. O Congresso não cura de minimis...

Que urge, entretanto, uma providencia sobre esse assumpto tudo está a indicar.

Só mesmo quem não frequenta os cinemas poderá desinteressar-se delle.

A censura nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Belgica, Italia, Allemanha, é feita com rigor... mas para uso interno parece, pois não é possivel admittir que certos films que ás vezes passam por nossos cinemas, hajam sido censurados em seu paiz de origem.

Isso demonstra a necessidade de regulamentar essa questão entre nós, de uma vez para sempre.

Mas a censura deve ser completa, abrangendo até o idioma barbaro com que apparecem certas legendas nos films que para aqui vêm.

Já não é só o ensinamento nocivo de certos argumentos idiotas, quando só idiotas, immoraes quando só immoraes, mas ainda a grosseira deturpação da nossa lingua, que merece os zelos da censura.

Dir-se-á que cabe aos Estados legislar sobre esse assumpto e a censura deve escapar á acção federal.

Foi isso tambem o que se disse nos Estados Unidos.

Mas o inconveniente da variabilidade do criterio de censor para censor, de Estado para Estado, obrigou a creação do Departamento Federal de Censura naquelle paiz, que funcciona com pleno successo e amplos poderes, escoimando a producção cinematographica de argumentos que a ligeireza ou a falta de escrupulos dos productores aproveitavam para a exploração dos baixos sentimentos do publico ignaro.

Aqui entre nós, mercado exclusivamente consumidor, a falta desse Departamento de Censura, constituido sériamente, com elementos de valor, capazes de exercer essa funcção altamente moralisadora, faz-se sentir, e cada dia mais, presentemente.

O caso da desgraçadinha de S. Paulo veiu pol-o de novo em fóco.

Por que não ha de o governo cuidar a sério do assumpto?

Porque não promover a exhumação do projecto do ex-deputado Deodato Maia, fazel-o votar, dotando o paiz desse apparelho de defesa da nossa moralidade e bons constumes?

Está á testa do Departamento do Interior um politico e um administrador como raros.

Quererá o Dr. João Luiz Alves lançar as suas vistas para esse problema?

OPERADOR.

A NOSSA CAPA

JACKIE COOGAN, é desde "O garoto", com Carlito, uma das glorias do cinema. Actorzinho de 7 annos, tem já um milhão de dollars depositado á sua conta em estabelecimento bancario, producto do seu trabalho.

Só o cinema poderia produzir dessas maravilhas.

Breve esperamos vel-o em seus ultimos films, "Trouble" e "Oliver Twist".

No proximo numero — AGNES AYRES.

ZASU PITTS, é talvez a unica artista que não deixa o seu pimpolho em casa, quando vae trabalhar. Seja qual for o logar de "location", ella o leva comsigo e interrompe os trabalhos para lhe dar de mamar. O marido de Zasu, é Tom Gallery, que o Rio já viu nos films della mesmo e de Marie Prevost.

IRVING CUMMINGS, que o Rio tanto conhece, o homem que melhor sabe beijar, como já o chamaram uma vez, ha uns tempós para cá, que é director. "Retribuição", passado ha pouco no Ideal, foi feito sob a direcção delle.

Mas todos têm a sua historia predilecta, e a de Irving é "Os ultimos dias de Pompeia". Elle o considera um enredo ideal, e, agora que adquiriu pratica em segurar o megaphone, vae filmal-a, por sua propria conta, nos studios da antiga "Robertson-Cole". Os artistas ainda não foram escolhidos, porém, elle é um delles.

Se algum dia a virmos, veremos então, se está mais perfeita do que a versão franceza e as tres italianas que conhecemos, ha quasi dez annos passados.

NORMAN KERRY teve que cortar o cabello, tal qual Eric Von Stroheim, para poder estar bem adequado no seu papel em "Merry Go-Round", o novo film que está sendo preparado sob a direcção do grande director de "Esposas ingenuas".

Em "June Madness", da Metro, o "leading-man" de Viola Dana será Bryant Washburn.

■ ■ ■ ■ ■ ■

O MEU PEOR EMPREGO E COMO CONSEGUI UM MELHOR

:: :: :: *Por Bert Lytell* :: :: ::

Desempenhando o papel principal em *To Have and to Hold*, a nova fita Paramount, de George Fitzmaurice.

O peor emprego que jámais tive foi em uma companhia dramatica, levando uma comedia, *Uncle Tom*. A companhia teve apenas duas semanas de vida e falliu por fim em Keyport, New Jersey. Eu tocava tambor na banda de musica e desempenhava no palco quatro papeis differentes, incluindo aquelle em que eu era um bandido de barbas enormes e perseguia uma tal Elisa.

Nós tinhamos precisão duma tempestade e por infelicidade o nosso apparelho para produzir tempestades estava estragado. Mais que ligeiro corri a uma lavanderia chineza, afim de pedir emprestado um par de caçarolas. Porém os chinezes se negaram a fazer o emprestimo, si bem por algumas horas, e em ultimo recurso eu fui obrigado a atirar varias bombas no palco, julgando assim conseguir o ruido necessario da tempestade. Um dos chinezes ficou por tal fórma apavorado com os estrondos da bateria, que fugiu... e depois do espectaculo me encontrei com um grupo, que me pedia satisfações por ter "bombardeado" um chinez innocente! Não pude escapulir illeso do grupo aggressor. No dia seguinte eu me achei sem vintem. Fui trabalhar carregando pecegos para um navio e assim consegui a minha passagem para Nova York. Depois desta peripecia associei-me a uma companhia dramatica de Newark, New Jersey, e dahi para cá tenho subido sempre em minha carreira.

Betty Compson e sua progenitora.

Ruth Clifford

☆ ☆ ☆

CASAMENTOS NA CINELANDIA

Walter Hiers está noivo de Adah McWilliams, filha de um sapateiro (em grande escala) de Syracuse.

Louise Lorraine casou-se faz pouco com Joseph Bracy, corretor em Los Angeles.

☆ ☆ ☆

ANTONIO MORENO está trabalhando actualmente para a Paramount. Estreará sob a direcção de Sam Wood no film *My american wife*; o local onde se desenvolve o argumento é a Argentina. Com Moreno, trabalhará nesse film, Gloria Swanson.

☆ ☆ ☆

HELEN JEROME EDDY foi elevada agora a estrella. Seu primeiro film nessa qualidade será *Love's coming of Age*, com Harrison Ford no principal papel masculino.

☆ ☆ ☆

JOHN STEVENSON, que continuava a fazer os lances mais arriscados nos films de Pearl White, substituindo essa artista, sem o publico perceber essa substituição, morreu desastradamente ao saltar de uma casa da 5ª Avenida sobre o tecto de um omnibus do *Elevado* de New York. Calculando mal o pulo, veiu cahir sobre o pavimento da rua, morrendo instantaneamente.

Malicia das mulheres

(GUILE OF WOMAN)

Film Goldwyn — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Yal	Will Rodgers
Hulda	Mary Warren
Annie	Doris Pawn
Skole	Bert Sprotte
Capitão Stahl	Nick Cogley
Armstrong	Lionel Belmore
Capitão Larsen	Charles Guiley
Creada	Jane Star
Copeiro	Jonh Lime

OPINIÕES DA CRITICA

Deliciosa diversão.

Moving Picture World.

Magnifico entrecho, boa actuação de Will Rodgers, boa diversão.

Motim Picture News.

Comedia drama muito divertida, contendo um interessante enredo amoroso.

Exhibitor's Trade Review.

Yal Martens era uma alma simples.

Se elle não se houvesse jámais aventurado para além dos confins da sua Helsingborg natal, talvez tivesse vindo a ser um prospero lavrador sueco, abençoado a estas horas com uma meiga mulhersinha loura, e diver as meigas creancinhas, tambem louras. Mas logo ao principio da sua vida de homem, Yal fez-se ao mar. Assignou a sua folha de engajamento com o nome de Hjalmar Martens, metteu-se a bordo de um navio de véla aprestado para um pequeno cruzeiro pelo Mar do Norte, e voltou a Helsingborg e a Hulda com a determinação de percorrer os oceanos do mundo, ver tudo quanto da vida se podia ver nos sete mares e cinco continentes, e regressar á Suecia quando acabasse, regressar a Hulda e a uma casinha modesta e alegre, levantada numa das alcantiladas costas que marginam a bahia de Helsingborg.

Yal não foi simples marinheiro por muito tempo. Havia nelle uma honestidade ingenita que levava as pessoas a confiarem nelle. Assim foi que, ao regressar de uma viagem transoceanica a Nova York, o promoveram a terceiro official. Intelligente e economico, viu crescerem as suas economias. Embarcou e fez nova viagem, desta vez para o remoto Pacifico. Disse adeus á sua Hulda, affirmou-lhe que escreveria de todos os portos e assumiu as suas novas funcções com toda a pompa a que podia aventurar-se um terceiro piloto de um navio veleiro.

Chegou a San Francisco quasi um anno depois. As suas economias montavam agora em mil dollars. Lembrou-se de Hulda, das promessas que lhe fizera, e fez um saque de toda aquella importancia.

— Abre uma loja de comestiveis, — dizia na carta com que acompanhou a remessa. — Depressa estarei de volta, e poderemos viver então felizes para o futuro, conforme planejámos.

E domiciliou-se em San Francisco para ali passar as quatro semanas do seu desembarque, contente e feliz com a idéa de que dentro de mais um anno estaria a apertar nos seus braços Hulda, a sua pequenina deusa loura, e a beijar-lhe os labios delicados.

Tens então por socia uma mulher?

Mas rebentou a guerra e Yal ficou retido nos Estados Unidos. Esperou, esperou, e esperou, e viu passar os mezes, sem que elles nunca mais lhe trouxessem uma carta de Hulda. Fez-se ao mar mais uma vez, mas cautelosamente evitou engajar-se a bordo de qualquer navio que tocasse em algum porto sueco. Quem sabe lá se ella não tinha recebido a sua carta? Mas qual! a Suecia não estava em guerra!

O silencio de Hulda só uma explicação podia ter: a sua deslealdade para com elle!

E desviou o seu pensamento para outras cousas e para outras mulheres.

Agora, velejava pelo tranquillo Pacifico, longe do scenario da guerra. E foram viagens ao Alaska, á Asia, á America do Sul, a bordo dos navios da "White Bear Line", cuja séde dominava a "Golden Gate". Depois procurou uma mulher. Achou-a: Annie. Não era bonita como Hulda, talvez, mas sabia amar, sabia prendel-o e fazel-o esquecer.

Gradualmente, elle proprio veiu a acreditar que a amava. E fez projectos. Teria da mesma forma a sua loja de comestiveis.

Sómente, seria, não em Helsingborg, mas numa aceiada rua de San Francisco e em vez de estar Hulda ao balcão, estaria Annie.

Terminou a guerra. Certo dia, um anno depois, o velho vapor *Almaden*, da flotilha da "White Bear" metteu o nariz no porto com um carregamento de oitocentos mil pés de madeira no porão e no convez. Segundo piloto agora, Yal tinha boas esperanças de que a cuidadosa attenção que elle punha no cumprimento das suas obrigações o levasse a obter emprego permanente e uma segunda promoção. Fez-se amigo do dispenseiro do navio, um jovial homemzarrão de quarenta annos, por nome Skole Knudson. — E' um typo bem acordado, esse tal Skole! — diziam delle os homens da tripulação. Acordado como era, Skole estava intoxicado de scepticismo e essa circumstancia prejudicava-o na visão das coisas, taes quaes ellas são.

Uma vida inteira passada no mar fizera delle um descrente, um escarnecedor eterno. No fundo, entretanto, não era mau sujeito, e promettera ser, para Yal, um bom amigo.

O navio estava fundeado no porto quando, voltando-se para Yal, Skole disse-lhe um dia:

— Tens idéa de vir a ser dono deste casco algum dia, hein, Yal?

O sueco voltou-se rapidamente, mal ouviu a pergunta.

— Por agora, só cogito de dar boa conta das minhas obrigações! — declarou modestamente.

— Ou tens idéa de passar para o navio novo, o "Hulda", quando o puzerem em serviço?

Yal sobresaltou-se ao ouvir o nome.

— Hulda é nome que sempre me deu azar, Skole!

— Porque?

E Yal contou-lhe a historia da deslealdade da rapariga.

Skole poz-se a rir:

— E' isso mesmo! Anda lá outro typo, e moram em Helsingborg mesmo, num chalet, construido com certeza com o teu dinheiro.

— Não faz mal! — replicou Yal. — Tenho agora ahi uma rapariga e uma lójita, e quando eu ando a bordo é ella que governa o negocio... Mais tarde, talvez venhamos a casar-nos...

— Tens então por socia uma mulher?

A carta retida.

Pois não te felicito: qualquer dia destes estás sem um nickel!...

Mas Yal estava seguro.

— Qual, meu amigo! Ha mulheres, e mulheres! Esta...

Yal pediu licença para ficar em terra essa noite, e obteve-a do Capitão Stahl, um velho lobo do mar, jovial, com os cabellos brancos como a espuma do Oceano.

— Olha lá: quero porém que vás ao escriptorio da companhia antes das oito da noite, — disse para Yal. O piloto não gostou muito da ordem, pois tinha pressa de se ver junto de Annie. Mas escravo como era dos seus deveres de marinheiro, jantou o melhor que póde numa baiúca que servia á gente de sua classe, e seguiu para a séde da companhia, conforme lhe fôra ordenado.

Ali encontrou o Capitão Larsen, Presidente da "White Bear", um homem franzino, de cabellos brancos, em conferencia com o Capitão Stahl, e Sandford Armstrong, o secretario confidencial de Larsen.

Yal foi longamente examinado ao entrar, e evitou como melhor póde o olhar dos olhos escuros de Armstrong que não se separavam delle. Larsen sorriu depois, e Stahl sorriu tambem.

— O teu commandante recommendou novamente a tua promoção, Maartens — disse Larsen. — Edgrong, o primeiro piloto, vae desembarcar. Agrada-te ir de primeiro piloto na viagem de estréa do "Hulda"?

O nome chegou-lhe aos ouvidos como um bote brandido á sua cabeça: Hulda! Um momento sustou-se-lhe a respiração, mas reteve a exclamação que lhe acudiu á garganta. Larsen notou-lhe o embaraço, mas attribuiu-o á modestia de Yal, ao inesperado da noticia. E proseguiu:

— Estamos facilitando aos novos tripulantes do "Hulda" o meio de possuirem algumas pranchas do navio, desde esta primeira viagem. Para isso, dividimos em costellas de mil dollars, a parte do navio que estamos vendendo aos tripulantes, e para um homem como tu, não hesitariamos mesmo em dividir uma costella em dois pedaços...

Ferido na sua vaidade, Yal levantou-se.

— Pois acceito tres costellas!

— Tres! Que me dizes a isso, hein, Larsen? — perguntou Stahl, orgulhoso do seu piloto.

Terei que vender a minha loja e isso talvez me leve um pouquinho de tempo, mas...

Pensou um momento e concluiu: — Mas não ha de ser preciso tanto tempo, assim. E se o Capitão Stahl me dér licença de voltar á terra depois do meu primeiro quarto de noite...

— Decerto! — concordou Stahl.

Orgulhoso, intrigado um pouco com a reapparição do nome de Hulda na sua vida, Yal correu á sua pequenina loja.

Entrou pela porta da frente servindo-se da chave que tinha. A sala estava vazia. Ao fundo, havia uma porta movediça que dava para o aposento habitado por Annie. Na espessura da madeira da porta abria-se uma vidraça, através da qual Annie costumava vigiar a loja, quando entretida nas suas occupações caseiras. Por essa vidraça, Yal lançou um olhar para dentro do quarto, com um sorriso de antecipada satisfação nos labios. Mas essa expressão transmudou-se na de duvida, na de pasmo, quando elle viu Annie, apparentemente sentada no collo de um homem que o alto espaldar da cadeira não lhe permittia ver.

Yal olhou de novo: o homem debruçara-se para ella, offerecendo um copo de bebida, que Annie esvasiou soffregamente. Parecia incrivel: o homem era Skole!

Transpoz a porta de um impeto, mas Annie, que o ouvira, puzera-se de pé.

— Tu bem viste, Yal... de que modo elle me insultou!... — começou Annie, mantendo a sua presença de espirito com pasmosa serenidade.

— Esta mulher fez uma fita commigo ... e agora está fazendo outra, comtigo! Mas deves lembrar-te do que eu te disse hoje de manhã!... — fez Skole.

Mas Yal nada respondeu! Tudo vira, mas ouvira tambem as palavras de Annie. Fosse como fosse, aquelle homem nada tinha que fazer ali. Investiu então contra o dispenseiro e assentou-lhe no rosto um murro poderoso que o fez cahir ao chão.

Logo depois, agarrando-se ao casaco de Skole, arrastou-o para fóra do quarto, até á beira da porta, e com mais um impulso, o atirou para a rua, de roldão.

— Fica ahi na sargeta, que esse é o teu logar! — disse, a desafial-o ainda.

Annie tinha prompta a justificação:

— Esse sujeito veio aqui á loja duas ou tres vezes, como qualquer outro freguez. Esta noite disse-me que trazia um recado teu. Convidei-o a entrar para a sala, como o faria com qualquer dos teus amigos. Viu-me só, e fez-se atrevido commigo... Tu bem viste, não é verdade?

A versão parecia plausivel, e era mais conveniente acreditar. Yal foi para a sala

Armstrong queria se casar com ella.

com Annie, e ainda permaneceu amuado alguns momentos. Depois, veiu-lhe á lembrança o grande acontecimento do dia.

— Senta-te, Annie, — disse. — Está a ponto de realizar-se o grande sonho de toda a minha vida: vou finalmente ser dono de um pedaço de navio!

Esperava vel-a pular de contentamento, mas Annie, ao que parece, não tinha comprehendido.

— Custa-me apenas tres mil dollars... de modo que vou vender a loja.

— Que loja?

— Ora: que loja ha de ser? Esta loja que montamos com o meu dinheiro!

Annie poz-se então de pé, com os olhos em fogo: — Com o teu dinheiro? Tu é que montaste esta loja com o teu dinheiro? Estás maluco! Eu lá recebi nunca dinheiro nenhum das tuas mãos!...

Yal mal podia crer no que ouvia.

— Decerto! Pois não foi com o meu dinheiro que se pagou o contracto, que se compraram as armações, os sortimentos,— tudo?

— Tens algum recibo? Tens alguma testemunha? — perguntou Annie — Bestalhão!

Ria delle. E o peor é que elle sentia que Annie tinha razão. Confiára nella e ella trahira-o. Assim pois, perdera a partida. Agora, era chorar na cama, que e logar quente!...

— E vae sahindo da minha loja, espertalhão! — invectivou-o ainda.

Placido, apparentemente inabalado, mas sentindo um terrivel confrangimento no coração, Yal voltou-lhe as costas, e lentamente, se encaminhou para a porta.

Depois de vaguear horas á beira dagua, sentio finalmente que tinha que sacrificar o seu orgulho, o orgulho que o impedia de reconhecer a impossibilidade de comprar as tres costellas do "Hulda". Dormiu essa noite fóra, ao relento, sobre uma pilha de caixas. De novo errou de um para outro lado, mal entrou a amanhecer. E abatido, nervoso, ter-se-ia talvez atirado ao mar se o destino não houvesse posto Skole em seu caminho.

— Francamente, Yal, eu não sabia que Annie era coisa tua! — apressou-se em dizer o despenseiro. E apontando para o olho que Yal lhe fizera roxo:

— A damnada custou-me isto, e trezentos dollars, ainda por cima!

— Trezentos dollars? E para que?...

— Pediu-m'os *emprestados* para comprar um fogão novo, e depois...

Yal não póde deixar de rir.

— O que? Tu tambem?...

— Eu tambem, o que?

E Yal contou-lhe a historia de traição de Annie.

— Duas vezes já, dei tudo quanto podia dar a uma mulher. Mas agora basta: Estou farto de bordo, farto do mar, farto das mulheres! — declarou resolutamente.

Skole estava triumphante. A prova da justeza da sua philosophia acabava de irromper da bocca de Yal.

— Pois não te disse eu o que eram as mulheres?...

Pela mentira se fazem fortes, pela mentira fazem os homens fracos!...

— Mas basta, basta para sempre, Skole! As mulheres, a mim, nunca mais me apanham! E agora, sabes o que vou fazer? Vou...

Mas não concluiu a phrase. Acabava de avistar a poucos metros de distancia, uma figura, uma pequenina figura de mulher, loura e branca, muito azues os olhos, linda, linda como jámais vira outra.

Ao mesmo tempo, ella deu com os olhos nelle, e partio ao seu encontro. Approximou-se. E os seus braços envolveram-lhe o pescoço, e os seus labios beijaram-n'o repetindo: — Hjalmar. Hjalmar! — ao que elle respondia: — Hulda! Hulda!

Mas logo a moça recuou aprehensiva. A um lado, Skole acompanhava a scena, cheio de pasmo.

— Não estás contente de me ver? — perguntou o piloto.

— Estou, mas tu não me escreveste como tinhas promettido, Hjalmar. Será que não queres...

Uma desconfiança assaltou o espirito de Yal.

— Mandei-te mil dollars vae para cinco annos. Porque não vieste então?

— Nunca os recebi, Hjalmar... nunca recebi uma palavra tua durante estes annos..., — disse Hulda, que agora chorava

— Por isso fui economisando os meus ordenados em Helsingborg e vim onde tu me tinhas dito, e puz-me a procurar por ti por toda a parte. Dias e noites a fio, tenho levado a esquadrinhar ruas e cáes... mas sem te achar nunca! Não me acreditas, Hjalmar?

Hulda supplicava, mas junto ao seu hombro, Skole recommendava.

— Vê lá agora se te esqueces, Yal!

— Tenho agora um bom emprego. Sou creada de quarto num grande palacete da montanha. Vens até lá commigo, Hjalmar?

O tom da sua voz, as lagrimas que lhe dansavam nos olhos, o seu rosto supplicavam mais forte que as suas palavras. Como podia elle deixar de ir? E a despeito do escárneo de Skole, Yal pegou do braço á rapariga e tentou recordar os velhos dias da patria distante, quando elle ignorava as artes e astucias da mulher, quando o mundo era ainda moço.

✣

O palacete grande na montanha era a residencia do Capitão Larsen e Sanford Armstrong estava no alpendre quando Yal e Hulda se approximaram. Yal disse adeus a Hulda á porta dos criados, depois de já haver aprazado um "rendez-vous" com ella para o dia seguinte.

Mas Armstrong enfrentou Hulda quando esta entrou em casa:

— Onde é que topaste com aquelle sujeito? — perguntou-lhe asperamente.

— O Sr. conhece-o? — fez Hulda, impulsivamente, formulando uma pergunta de que se ia arrepender um minuto depois.

— Não conheço eu outra coisa! Aquelle foi o tal que encheu a bocca com tres costellas que ia comprar no navio, mas nunca mais voltou a tomar conta do seu cargo.

— Conheci-o ha alguns annos em Helsingborg, e casualmente encontrámo-nos, á beira dagua.

— Foi uma felicidade o Capitão Larsen não te ver! — proseguiu Armstrong — E se eu lhe disser?

— Não precisa: eu mesmo lhe digo! — replicou a moça.

— E perdes tudo?

— Sim, tudo, — confirmou Hulda. — E' preferivel a continuarmos sempre assim!

— Não sejas tola, Hulda! — implorou, pousando-lhe a mão no hombro.

— Não, não! — exclamou a moça, fugindo-lhe. — Não é possivel continuar!

A entrada de um copeiro poz termo ao episodio. Mas Hulda, repentinamente, fez-se séria, voltou as costas e sahiu da sala.

Ao longo do cáes, Yal tambem passava, torturado por sombrios pensamentos. Tinha que acreditar em Hulda, a adorada, a unica Hulda. Mesmo sob o escarneo de Skole, reiterou a sua confiança nella, acceitando a sua explicação sobre o não recebimento dos mil dollars. No dia seguinte, quando a viu, teve de reconhecer que ella tinha razão em o aconselhar a ir trabalhar, muito embora as suas palavras parecessem confirmar as idéas de Skole.

Os arrebatamentos de Yal.

(Continúa no fim da revista)

Amor perfeito

(HER HUSSAND'S TRADE MARK)

Film Paramount — Producção de 1922— *Direcção de Sam Wood*

DISTRIBUIÇÃO:

Lois Miller	Gloria Swanson
Allan Franklin	Richard Wayne
James Berkeley	Stuart Holmes
Ahthy Winters	Lucien Littlefield
Pae Berkeley	Charles Ogle
Mãe Berkeley	Edythe Chapman
Bandido mexicano	Clarence Burton
Henry Storns	James Neil

OPINIÃO DA CRITICA

Excellente film, muito empolgante.
Morving Picture World.

Estudo da sociedade, com um desfecho melodramatico.
Exhibitor's Herald.

Excellente pretexto para a apresentação das altas qualidades artisticas de Gloria.
Film Daily.

Vale cento por cento.
Motion Picture News.

✤

Já nos remotos tempos da universidade, James Berkeley e Allan Franklin sabiam o que queriam vir a ser. Com o ar de quem proclamava uma sentença profunda, James Berkeley costumava dizer:

— E' uma grande coisa saber-se o que se quer; mas coisa maior ainda é obter-se o que se quer!

— E tu que queres? — perguntava-lhe, invariavelmente, Allan.

— Dinheiro! — respondia James Berkeley.

E o espirito um pouco fantasista de Allan parecia sorprehender um reflexo de ouro nos olhos do seu amigo.

— Dinheiro, — proseguia Berkeley, — porque o dinheiro é a força, é a unica força que vale a pena possuir! Com elle, compra-se tudo aquillo que se quer, faz-se com que os homens e as mulheres, igualmente, reparem em nós. Com elle, se conquistam adulações, homenagens, subserviencias. E é, exactamente, a subserviencia que eu quero do meu semelhante, seja homem, seja mulher. Quero que me vejam, que me obedeçam, que me sirvam! Isso é que é a vida!

— E o amor? — perguntava o jovem Franklin.

— O amor? E' de todos os generos do mercado o mais barato. Queres uma mulher ? Veste-a de sedas e rendas, pendura-lhe joias ao pescoço e nas orelhas, e ella será tua!...

— Mas nem todas as mulheres são assim!

— Sonhador!...

E, nesse ponto, suspensa a conversação, Berkeley proseguia engolfado nos seus sonhos de ouro e Allan proseguia engolfado nos seus aureos sonhos, — muito differentes uns dos outros.

Coisa muito singular: nunca Berkeley se preoccupava de saber qual era a maior ambição do seu amigo na vida. Era, mesmo melhor, talvez, que não lh'o perguntasse. Os sonhos de Allan não lhe teriam, por certo, interessado, pois elle não sonhava senão de uma sympathia, de uma affectuosa concordia que o ligasse a todos os seus semelhantes, de um bem-estar reciproco, que a todos approximasse mais da felicidade, de coisas assim ideaes, que falavam alto ao seu espirito. No que diz respeito a mulheres, Allan não sonhava de todo. Apenas, de longe em longe, se permittia, talvez, sonhar, reverentemente com uma mulher, que algum dia o viesse a amar e lhe trouxesse muita ventura. Mas isso mesmo eram sonhos a que elle só se aventurava nos raros momentos em que não bordava chiméras sobre a formosa carreira que havia de fazer como engenheiro, sobre as innovações e reformas que o velho mundo havia de receber das suas mãos.

Mais tarde, os dois jovens deixaram os bancos da universidade, e, algum tempo depois, vieram ambos a conhecer Lois Miller.

Um e outro se apaixonaram por ella, mas ambos não lh'o disseram. Allan considerava que não tinha direito a fazer uma confissão dessa ordem senão depois de ter realizado o seu ideal, de se ter feito "alguem" na vida, muito ao contrario de Berkeley, fiel sempre ás suas idéas de proclamar sem rebuços o que queria, no mesmo momento em que o queria.

Berkeley era alto, forte, tempestuoso e convincente, e Lois Miller nelle acreditou. Acreditou nelle e acceitou-o, se bem que com um pequenino pungir de coração. Era um leve travo que ella se recusava a reconhecer perante si propria, pois nem mesmo chegava a comprehendel-o bem, — um travo que lhe vinha de

Vieram a conhecer Lois Miller.

O caso se revolveu com a intervenção de um bando de malfeitores.

Allan e das palavras que elle jámais lhe havia dito. Mas Lois repelliu essa vaga apprehensão, proclamando a si mesma que era "uma tola", que só lhe faltava querer o sol e a lua, repetindo de si para si que amava, sim, amava, por certo, James Berkeley, e que isso lhe devera bastar. Pois não lh'o dissera sua mãe? Pois não lh'o dissera o proprio Berkeley? Não a invejavam todas as outras moças? Não lhe diziam todas que "decididamente, ella tinha sorte!"? Além disso, no mais intimo recesso do seu coração, não guardára ella sempre uma especie de velho sonho singular, inconcluido, irrealisavel? Em que mudára a situação agora, que Allan... que Allan tinha vindo e tornára a desapparecer... sem proferir palavra? Certo, elle fazia parte do velho sonho inconcluido, que trouxera em seu coração. Mas agora...

E, assim, Lois desposou James Berkeley, e Berkeley, segundo tudo parecia indicar, ganhou dinheiro, que se espalhou, que se multiplicou por toda a superficie da terra. Essa torrente de ouro que o seu engenho creara, elle tratava de a fazer espadanar aos olhos de todos, para que fosse vista, buscando sempre que o maior numero possivel de observadores a admirasse.

Era bom para Lois, — a seu modo.

Quasi logo ao primeiro anno de casada, Lois comprehendeu, porém, que o modo delle em nada se parecia com o seu, nem para ella significava coisa alguma. Mas, boa moça, bem educada, machinalmente, transferiu ao marido a obediencia que praticava para com sua mãe. Um e outro lhe exigiam, acima de tudo, uma coisa: que se vestisse bem! Os sentimentos de seu marido a seu respeito governavam-se de accordo com o maior ou o menor grão da sua ornamentação pessoal. Ora, as ornamentações não têm coração: são, em si mesmas, meio e fim; nada têm por que interroguem o destino, nem se dão a bordar chiméras, a sonhar.

— Minha querida: uma mulher elegantemente vestida, — costumava dizer-lhe James Berkeley, — é uma marca commercial que proclama a prosperidade do marido.

Com o correr do tempo, Lois veiu a odiar essa theoria de Berkeley. Parecia-lhe que aquella sentença não fazia senão articular pela palavra o aborrecimento que ella tinha daquelle homem que era seu marido. Melhor fôra, — reflectia comsigo Lois — ter sido modelo em alguma loja de modas! Ao menos, assim seria seu o salario de cada dia e ella poderia dispôr do que ganhasse para comprar... para comprar os sonhos que quizesse!

A's vezes, a pobresinha chegava ao desespero extremo. Sentia-se á margem de uma vida onde nem sua propria mãe, nem seu proprio marido, a entendiam ou buscavam, siquer, entendel-a; onde todas as suas amigas, mesmo as mais intimas, não cessavam de lhe invejar "a boa estrella", onde os outros homens a fitavam cheios de admiração... pelo bem-estar material do marido!...

Afinal era isso que ella era: um *placard* de annuncio, a proclamar as victorias monetarias de James Berkeley. Os seus brilhantes, as suas *toilettes* de baile, os seus chapéos, as suas pelliças, as suas luvas, os seus trajes de sport, os seus automoveis, eram *camelots*, que berravam aos quatro ventos — não os attractivos da personalidade de Lois Berkeley — mas sim as victorias de James Berkeley, computadas em excellentes dollars do melhor ouro americano.

Houve um momento em que Lois apeteceu um filho, qualquer coisa de humano, de cállido, que ella pudesse collocar dentro do frio mausoléo das victorias de Berkeley. Mas elle espesinhara-lhe esse sonho, como espesinhára os outros todos. E, agora, Lois estava bem longe de repetir o seu desejo, de apetecer esse pobre entesinho, fadado a viver suffocado, esmagado ao peso dos milhões de Berkeley. Em volta da pobre creancinha seria um oceano de fitas, de rendas carissimas, que mal a deixariam respirar, e o seu carrinho de passeio seria, por certo, de marfim e ouro, escoltado por uma comitiva de assistentes e amas, que não dariam trégua de um segundo ao innocente. Acabaria por não ser uma creança: seria um novo *placard* da fortuna de Berkeley. Quando elle passase, o que não diriam todos? — Eis o filho de Berkeley! Quanto dinheiro não deve ter o pae! — Uma admiração, em que não haveria um affecto, um só carinho, dispensado ao pequenino pelos curiosos amontoados á sua passagem, prosternados de veneração ante o dinheiro do pae.

Ou então o jovem Berkeley far-se-ia um novo James Berkeley, uma creatura com uns olhos frios e uma bocca dura, cheia de orgulho ante a sua importancia, antes as adulações do mundo.

A's vezes, Lois achava o marido ridiculo com todos os seus dollars, bons ou

O ultimo dos seus perseguidores.

mãos, com todos os ruidosos pavoneios de sua prosperidade inegualavel. Outras vezes, porém, ella sentia, com um infinito desalento, que o não podia tomar pelo ridiculo. Tragico é que elle era! Tragico, porque lhe fazia da vida uma tragedia! Que era ella, afinal? Um manequim, um manequim que lhe girava pela casa, pelos jardins, vestindo as roupas de luxo que elle fornecia! E Lois sentia que era um artigo como qualquer outro dos que serviam ás especulações do marido, e que, amanhã, hoje mesmo, para servir á sua ambição, elle não hesitaria em vendel-a! Ah, pudesse ella não sentir em seu coração tudo isto!

Mais tarde, um tanto inesperadamente, Allan voltou. Deixou-lhe o seu cartão, que Lois encontrou quando regressou, momentos depois.

E, pela primeira vez, em quinze annos, Lois sentiu o sangue assomar-lhe ás faces, teve consciencia de ter dentro do peito um orgão palpitante e vivo. Queria aquillo dizer — reflectiu comsigo, sorrindo — que, afinal, tambem ella possuia um coração!

Recolheu-se ao seu quarto de vestir e mirou-se, curiosamente, no seu espelho. Havia nos seus olhos como que o clarão de uma espectativa. Mas Lois logo os desviou do crystal revelador. Sim, era bem certo que se sentiria contente em tornar a ver Allan. Mas elle? Sentiria elle o mesmo contentamento? O seu prazer em vêr o manequim, agora, seria igual ao que elle tinha outr'ora em vêr a moça singela, que tanto jubilo tirava da sua presença?

Que bom não seria conversar com Allan! Mas conversar de verdade! Que graça se lhe pudesse contar os seus sonhos, os pequeninos sonhos que, verdadeiramente, ella não sonhára nunca! E como seria bom que elle não fosse outro individuo blindado de cheques, de apolices, de titulos, de cedulas de todas as denominações!

N'essa noite, ao jantar, Lois disse a Berkeley:

O refugio em uma pequena choupana.

— Sabes uma novidade? Allan Franklin voltou! Que bom, hein? Uma noite destas devemos convidal-o para jantar...

Berkeley ergueu as palpebras um tanto pesadas e olhou para sua esposa, ou melhor, para a magnifica *toilette*, para o *pendentif* de esmeraldas que irradiava com esplendor não maior que o do seio em que pousava; para os braceletes chammejantes, que lhe mordiam a polpa tenra dos braços. E com um sorriso:

— Não vejo porque seja assim tão bom!... — disse a saborear o valor das suas palavras, como era seu costume. — Quanto ao jantar... afinal, Allan não está no nosso nivel social!... Ha tantas outras pessoas cujas relações nos valeria mais a pena cultivar!...

Oh! Aquelle tom horrivel, aquella empafia autoritaria! Lois sentiu o rosto arder-lhe em braza e moveu-a ao protesto a sua lealdade inquebrantavel aos seus amigos.

— Mas James, como te animas a falar assim! Allan foi o teu melhor camarada na Universidade, o teu companheiro de quarto, a pessoa que, durante quatro annos, mais de perto conviveu comtigo! Ou estás brincando? Tu lá pódes deixar de receber o teu velho amigo!

James molhou os labios no vinho, affagou com justificado apreço o crystal delicadamente filigranado da taça que o continha.

— Percebo em ti um enthusiasmo que não te fica bem, — replicou dominando-se admiravelmente. — E' preciso reflectir que um homem na minha posição... tem que eliminar sempre, infelizmente, um grande numero de amigos. O tempo é um artigo de preço, de alto preço, minha amiga, e é preciso saber distribuil-o com intelligencia e sabedoria. Essas coisas, é sempre melhor que as deixes ao meu criterio...

— Mas o Sr. Franklin com certeza se sentirá offendido, — disse Lois — Não podes desconhecer que elle sempre te quiz muito bem...

— E a ti tambem, — concluio James Berkeley.

— Houve um momento de silencio.

— Como vês, Lois, o meu espirito é um espelho de muitas faces. Nada lhe escapa... Nada... E é esse mais um motivo porque não devemos desejar a visita de Allan Franklin a esta casa. Não faltam pessoas capazes de se recordar do que já lá vae ha bons dez ou quinze annos, e a quem não escape a lembrança de que, por mais absurdo que agora pareça, Allan Franklin e eu disputámos, os dois, a mão da adoravel Lois. Vendo-o voltar agora, depois deste longo periodo de contristada ausencia, facilmente concluirão que elle vem de novo insistir nas suas pretensões. Ora isso, de forma alguma pode accrescer ao prestigio do nosso *ménage*, — não te parece, querida?

O dinheiro, via-se bem, tanto lhe congelara a sensibilidade como o sangue!

Lois sentio que lhe era necessario suf-

(*Continua no fim da revista*)

Lois conseguira salvar Frankuin.

NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

O ELEGANTE *CHALET-MOÇA* NA AVENIDA DAS NAÇÕES

Fachada principal do *Chalet Moça* e pessoas presentes á inauguração

Revestiu-se de grande brilhanstismo e transcorreu na maior cordialidade a festa que a directori da Nestlé e Anglo Swiss Condensed Milk C° offereceu ás altas autoridades da Exposição do Centenario e á nossa sociedade, por occasião da inauguração do seu formoso pavilhão contendo o mostruario dos productos desse acreditado estabelecimento commercial, inauguração essa effectuada a 16 do corrente. O original e artistico pavilhão da Nestlé, mais propriamente denominado Chalet Moça, *e que está installado á Avenida das Nações, foi pequeno para conter o numero de convidados que anciavam por conhecer o mostruario do elegante* Chalet Moça, *e entre elles notavam-se os directores da Companhia Nestlé, Srs., Georges Opprecht e Henri Kuhlman, ministro da Suissa, Sr. Albert Gertch, secretario da Legação Suissa; Sr. Charles Rédard, senhoras Georges Opprecht e Henri Kuhlman, senhora Albert Gertch, Srs. W. Buren, representante da Western Electric C°; Sr. Fich, Sr. Scheitlin, Sr. Zollikofer, Sr. Walter, da firma Baily & C°; Srs. Alfred Wirth, Martim Wenger, Santos Costa, Alfredo Campos, Raul Campos, Vieira de Mello, Jorge Vaz Farriá, muitos outros representantes da colonia suissa; representantes da* A Noite, Correio da Manhã, O Paiz, O Imparcial, Gazeta de Noticias, Agencia Americana, A Patria, Careta, O Malho, Fon-Fon, *etc. Como representante do Governo compareceu o Exmo. Sr. Dr. Alfredo Niemeyer, chefe da representação estrangeira da Exposição do Centenario.*

Tres discursos foram ouvidos por occasião da solemnidade da inauguração, sendo todos muito applaudidos. Falaram o Sr. Georges Opprecht, director da Nestlé; o Sr. ministro da Suissa e o Dr. Alfredo Niemeyer, chefe da representação estrangeira.

Encerrada a encantadora festa da inauguração do Chalet Moça, *e cuja impressão perdura ainda na memoria de todos que a ella compareceram, a directoria da Nestlé resolveu franquear ao publico a entrada no lindo pavilhão, e permittir a venda dos productos que se acham no mostruario.*

Parte lateral do *Chalet Moça*

A MODA E O CINEMA — *Virgina Valli.*

NILES WELCH

Fazia muito tempo que eu não via um, para mim, dos mais sympathicos rapazes que trabalham no cinema — Niles Welch. Eis senão, quando menos o esperava, recebi ordem de entrevistal-o.

Fui apanhal-o no seu lindo cottage, junto ao mar, a descansar, em companhia de sua linda esposa, Dell Boone, por alguns dias, de suas fadigas ante a machina. Deixei á porta o meu auto e enveredei jardim a dentro, a bradar pelos donos. A casa é pequena, mas extremamente pittoresca e bem arranjada. Sobre a fralda de uma collina, a vista que dali se descortina para o mar é incomparavel.

E' nesse ninhozinho, "*Dell House*", que os dois inseparaveis e eternos namorados vêm descansar de quando em quando.

O primeiro ente que encontrei foi *Blair*, magnifico "coolley", que, de poucos passos, precedia o joven e sympathico galã.

Vinha com um elegantissimo traje de praia e mal me viu chamou pela esposa:

— *Dell dear, came here !*

Dell Boone surgiu então entre os bosquetes que circumdam a casa.

— Gosando umas feriazinhas, seus felizardos! — disse eu á guisa de introducção.

— Por poucos dias sómente. Quando me sinto fatigado é só aqui que consigo reparar minhas forças, defronte deste immenso e formoso mar, cuja brisa embalsamada me conforta. Só aqui respiro. Levanto-me ao romper d'alva, deito-me com as gallinhas, não tenho preoccupações de espirito e essa estação de repouso traz-me a saude que o trabalho debilita. Como com excellente appetite, dou grandes passeios em companhia de Dell pela praia e arredores, tomamos um banho nestas aguas tão limpidas e, com isso, vamos passando a nossa vida.

— E, além da natação pratica outros sports?

— Nenhum. A's vezes pesco, por desfastio; mas prefiro ficar em casa lendo Rudyard Kipling, meu escriptor predilecto.

— Gosta de livros de aventuras, então?

— Sempre por elles tive inclinação. E, desde creança, isso acontece.

— E' verdade o que me disseram de sua resolução de se retirar do cinema para se dedicar a escrever argumentos para films, em collaboração com sua esposa?

— Não é bem isso; não penso em abandonar o cinema. Verdade é que Dell me convidou para ajudal-a nesse trabalho de escrever argumentos para films; eu, porém, que me conheço, disse-lhe com franqueza que, se entrasse nesse negocio, estragaria todo o seu trabalho.

— Então, não gosta de escrever?

— Gostar, gosto; mas não ha meios de fazer coisa que preste. Dell é que é eximia nessas coisas.

(*Continúa no fim da Revista*).

A MODA E O CINEMA — *Priscilla Dean.*

O elephante côr de rosa

(THE BLOOMING ANGEL)

Film Goldwyn — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Floss.	Madge Kennedy
Chester Framm. . . .	Pat O'Malley
Applethwaitte.	A. F. Blenn
A tia.	Vera Lewis

— Tu nunca has de saber coisa alguma! Has de atravessar a vida uma perfeita ignorante! A unica coisa que poderá fazer algum dia será casares-te! — declarou a tia Vee, tempestuosamente.

— Naturalmente, para ser uma esposa não é preciso ter intelligencia — suspirou Flora Brannor, mais conhecida por Floss.

— Intelligencia, não, mas sim educação, foi a resposta da tia Vee.

Esta nunca se tinha casado e podia, portanto, emittir opiniões abalisadas sobre os homens e o casamento.

Ha duas coisas que toda solteirona tem a pretenção de saber: como educar creanças e como cuidar de um marido!

— Quanto ás qualidades para uma bôa esposa, parece-me que as tens, continuou a tia Vee, placidamente — Podes entreter um homem e fazel-o pensar que é o que ha de mais esperto sobre a terra! Isso é o que um homem quer numa esposa.

Tambem, cozinhas muito bem quando queres e isso é uma grande coisa. Além disto tenho a certeza de que não serás capaz de matar-te trabalhando exageradamente em serviços caseiros.

— Eu sempre pensei que os homens gostavam mais das mulheres dedicadas e capazes de trabalhar em casa até se matarem! — Aventurou Floss, vagarosamente.

— Pensa outra vez! Pois então nunca reparaste que a mulher que não se esforça é quasi sempre a que tem um marido dedicado?

Comtudo, é preciso um termo medio. Fazer, por exemplo, com que de vez em quando as circumstancias o obriguem a cozinhar para si mesmo. Não ha mal nenhum nisso; pelo contrario, servirá para fazer-lhe ver que a sua mulherzinha lhe é indispensavel...

— Que pena a senhora não ter casado com todos os homens que estavam loucos para casar comsigo, minha tia, — disse Floss, innocentemente.

A tia Vee olhou para ella, a ver se descobria alguma malicia nas palavras da sobrinha, mas Floss apresentava a mais serena e pura apparencia de ingenuidade.

— Se a tua tia se tivesse casado talvez não lhe fosse possivel cuidar com desvello da sua querida sobrinha, — disse ella.

Floss, de si para si, achava que podia perfeitamente dispensar grande parte dos cuidados que a tia Vee lhe dedicava, mas sorriu e respondeu com carinho — Sim, minha tia, foi uma sorte para mim a senhora não ter casado, eu bem o reconheço.

— Bem, — continuou a tia Vee, conforme eu estava dizendo, o casamento é a unica coisa que te serve. Com esta é a quarta vez que tens sido expulsa do collegio e eu resolvi que será a ultima, porquanto lá não mais voltarás.

— Mas, minha tia, acha que é motivo bastante para me expulsarem da escola o facto de ter eu cantado em praça publica uma canção escolar?

— Sim, se estivesses sosinha, nada haveria de mal, mas é que te encontravas acompanhada dos cinco mais peraltas alumnos da Universidade, e além disso era a hora da missa. Demais não era uma canção escolar e sim uma cançoneta popular a que entoavas.

— Mas elles me pareciam todos muito gentis e cantavam muito bem, principalmente aquelle gordo, com cara de parvo que havia perdido o chapéo, — disse rindo a travessa Floss.

— Basta, — disse a tia Vee, com firmeza, — casarás com Appletwaite!

— Vou casar com quem? — gritou Floss muito admirada.

— Com Henry Appletwaite, já disse — tornou friamente a velha — Elle te ama loucamente, tem uma bella conta no banco e tem habitos socegados e domesticos.

— E eu não gosto delle e com elle não me casaria mesmo que fosse o presidente da Republica ou o rei da Inglaterra — protestou Floss em copioso pranto.

— Se elle fosse tudo isso não te pediria em casamento — disse a tia Vee. — O facto é que elle te quer e pretende levar-te na proxima semana. Vamos, pois, começar o enxoval.

A essas palavras a menina pareceu conformar-se.

Em seguida enxugou as lagrimas, empoou o narizinho vermelho e puxou para a testa o seu mais bello cachinho.

Começaram emfim a fazer as compras para o enxoval e a tia nem podia adivinhar o que Floss então pensava. Ao escolher os diversos artigos do enxoval, sempre a velha tia procurava dizer: deves preferir a côr rosa e a azul, pois tenho ouvido dizer que são essas as côres predilectas de Appletwaite.

Floss não protestava mas pensava comsigo mesma: "Comprarei azul porque Chester gosta de me ver em azul por ser a côr dos meus olhos; o rosa tenho a certeza que tambem não lhe desagradará".

Tudo isso prova que uma americana não acceita que lhe digam com quem vae casar. Floss nunca desafiara a tia em vinte annos de vida em commum; iria fazel-o agora? Não!

O que fez foi dirigir um bilhetinho a Chester assim que o enxoval ficou prompto.

Depois, ás escondidas, collocou em uma grande mala de mão todas as roupas novas que comprara e esperou á janella emquanto anoitecia. Assim que escureceu ouviram-se passos em baixo da janella e uma voz chamando-a com precaução:

— Floss, estás ahi? Vem depressa. Ella não demorou. Desceu rapidamente, trazendo a mala na mão. Ia casar com Chester que ella amava para não fazel-o com Applethwaite, com quem queria a tia.

Previa o que ia fazer a tia Vee, iria gritar, esbravejar, mas nunca dar um escandalo publico.

Quanto ao pretendido e recusado esposo, Floss nem pensava nelle.

De facto, depois de tudo feito, a tia não deu escandalo; indignara-se muito e suspendeu a mesada que dava á sobrinha. Com isso vieram difficuldades aos dois noivinhos. Floss estava prompto a passar os dias a comer pão e queijo e residir em qualquer choupana. Esperava, porém, que nesta choupana houvesse installações modernas, um fogãozinho a gaz na cozinha,

Cantando na praça publica uma canção popular...

uma varanda com trepadeiras de rosas e por ultimo um jardimzinho florido.

Tudo isso, porém, Chester não podia obter com os seus minguados vencimentos. Elle não tinha intelligencia, apenas, talvez, possuia uma bella voz de tenor. Assim, depois de uma semana de lua de mel, a miseria bateu-lhes á porta e o amor pousou então sobre a janella, — na incerteza si entraria de novo ou si levantaria o vôo.

Chester, no emtanto, tinha uma só ambição, além da de cantar. Esta era a de ser orador, fazer discursos brilhantes e impressionar o publico.

Trazia sempre debaixo do braço um livro intitulado "Eloquencia Popular". Lia todas as noites paginas e paginas desse livro em voz alta, até Floss adormecer. Ella aturava tudo isso porque realmente o amava, se bem o amor não a cegasse ao ponto de não ver o lado pratico das coisas.

Um bello dia sentou-se e poz-se a pensar:

— Eu tenho um bom marido com voz de tenor, ambição de brilhar na tribuna e uma bôa disposição. Como poderia tirar proveito do seu talento?

E eu, de que disponho para auxilial-o?

Tomou um espelho e olhando para a sua propria imagem, disse:

— Tu não pareces muito intelligente; tens um bello cabello, lindos olhos e uma pelle fina e assetinada de anjo que tem sido a admiração de todos.

Nesse momento entrou uma amiga que lhe ia dizer adeus.

— Estás sempre tão juvenil, — disse a recem-chegada. — Eu daria mil dollars para ter uma tez como a tua, Floss, mas isso não se póde comprar.

Floss teve uma inspiração. Assim que a amiga desappareceu correu ao armario e dahi tirou um grande sortimento de pós e loções que toda a mulher esconde em algum canto.

— Uma tez para vender? Pois não! Vou preparar.

Começou então a misturar os ingredientes. Depois de alguns minutos parou e disse: — E o nome? Será... Prompto, já achei: "Creme de belleza Flor de Anjo". Aproveitando a ausencia de Chester e com o resto de algumas economias, procurou o caixeiro da pharmacia, com elle arranjou cem potes brancos e nelles depositou o creme que preparara.

Depois de tudo prompto, a Chester revelou o seu segredo. Foi todo o mal.

Elle que não tinha habilitações para manter sósinho a casa, zangara-se fortemente com as intenções de Floss. Isso sempre acontece áquelles que, como Chester, são obrigados a se confessar incapazes de dar á mulher tudo o que ella necessita.

Começaram as discussões.

— Não quero que trabalhes — dizia Chester.

— Mas então que queres tu?

Preferes que eu me sente e espere morrer de fome? — dizia Floss com simplicidade.

— Brevemente terei um contracto para ler umas conferencias ou irei cantar na Opera.

— Sim, emquanto isso nós passaremos sem alimentos e sem roupa, — objectou Floss e continuou: — Talvez que quando chegar o dia de teres um desses logares, ainda seja tempo de comprar flores para enfeitar o meu caixão. Uma cousa, no emtanto, te lembro e é que um pão agora vale mais que uma tonelada de violetas no futuro, meu querido. O creme que fabriquei é muito bom, e um de nós terá que sahir á rua para vendel-o.

— Nem tu, nem eu, — disse Chester, sahindo da casa.

Foi procurar um amigo, a quem pediu cinco dollars emprestados. Com o dinheiro no bolso o seu espirito se rehabilitou. Procurou todos os que lhe haviam promettido emprego e de todos ouviu uma desculpa.

Comtudo almoçou bem e sentindo-se melhor começou a pensar em Floss, com remorso.

Estava arrependido de sua brutalidade e com o dinheiro que lhe sobrou comprou um ramo de violetas. Dirigiu-se á casa.

Em caminho notou que alguma coisa de extraordinario se passava na rua. Havia uma grande agglomeração e no meio do povo elle viu um enorme elephante côr, de rosa, sim, côr de rosa!

Elle esfregou os olhos e ainda via um elephante côr de rosa, apezar de não ter tomado alcool no almoço.

Ao chegar mais perto, mais assombrado ficou ao ver a sua Floss sobre um estrado, tendo em uma das mãos uma bandeija com potes do creme por ella preparado e na outra mão um grande cartaz preso a um pão com as seguintes palavras:

O meu Creme de Belleza — "Flor de Anjo" — Vejam os seus resultados em mim e no meu elephante.

De repente surgiu do meio da multidão uma mulher com o distinctivo da sociedade Protectora dos Animaes.

Dirigindo-se ao povo protestou em nome da Sociedade, pedindo a prisão de Floss, allegando ser uma crueldade o que esta havia feito ao enorme e pesado elephante.

Nesse momento chegou um guarda policial empunhando o seu casse-tête.

— Está presa, moça, não por crueldade ao animal que nada soffre, mas por estar exercendo o commercio na via publica sem licença.

— Sim? Quem lhe disse, que eu não tenho licença? — disse Floss, pondo-lhe diante dos olhos um papel todo amarrotado.

O guarda olhou para o papel, para ella e para o elephante e ia rir abertamente, mas lembrando-se que era uma autoridade, conteve-se.

— Está bem, senhorita, póde continuar,— disse elle.

Chester, passado o primeiro momento de admiração, manifestou-se:

— Ella não vae continuar cousa alguma, disse elle, ella vae para casa, pois ahi é que é o logar da mulher.

Floss, voltando-se olhou-o com olhar enfurecido.

— Não fales mais, eu quiz que tu vendesses e não quizeste, agora sou eu que vendo; se me não queres ver em cima deste estrado, vem tu para cá, e toma o meu logar, só assim descerei.

— Apoiado! Muito bem! — gritaram mais de cem vozes ao mesmo tempo.

Chester olhou para a multidão, para o elephante, para a sua mulher e novamente para a mulher.

Foi então que a paixão de falar em publico apossou-se da sua alma. Teria agora opportunidade de falar e todos o ouviriam.

Sem mais vacillar trepou no estrado e com emphase, usando de um phraseado todo florido, fez reclame do creme. Com tanta eloquencia falou que em poucos minutos o stock estava esgotado. Floss fez signal a um homem do povo afim de levar o elephante a seu dono no circo. De braço dado Floss e Chester continuaram o caminho felizes como duas creanças.

— Com tal reclame, o creme vae ser vendido a granel — disse elle, — mas quem irá vendel-o d'agora em deante sou eu, mas... que historia é essa de dizeres que usaste esse creme, si eu nunca te vi usar outra cousa no rosto a não ser agua e sabão?

— Psiu! Caluda! fez Floss e num sussurro com receio de que as proprias pedras a ouvissem lhe disse confidencialmente:

— Eu nunca usei, é certo, mas tambem o creme que preparei não poderá fazer mal a ninguem: é uma mistura de banha, essencia e um pouco de materia corante. Deus me deu a minha tez e a ti deu a tua eloquencia, nós é que devemos tirar proveito de ambas. Chester concordou.

Chegou um guarda em punhando o seu casse-tête

JUSTINE JOHNSTONE

JACK WARREN KERRIGAN sempre gostou de ter como leading-woman *dos seus films a encantadora Lois Wilson. Sempre foi a sua predilecta; por muitas vezes elle proprio já o confessou. Isto desde o seu bom tempo na Universal, tempo de* O filho dos immortaes *e de* Lord estroina, *onde havia uma scena em que elle partia uma taça com a mão...*

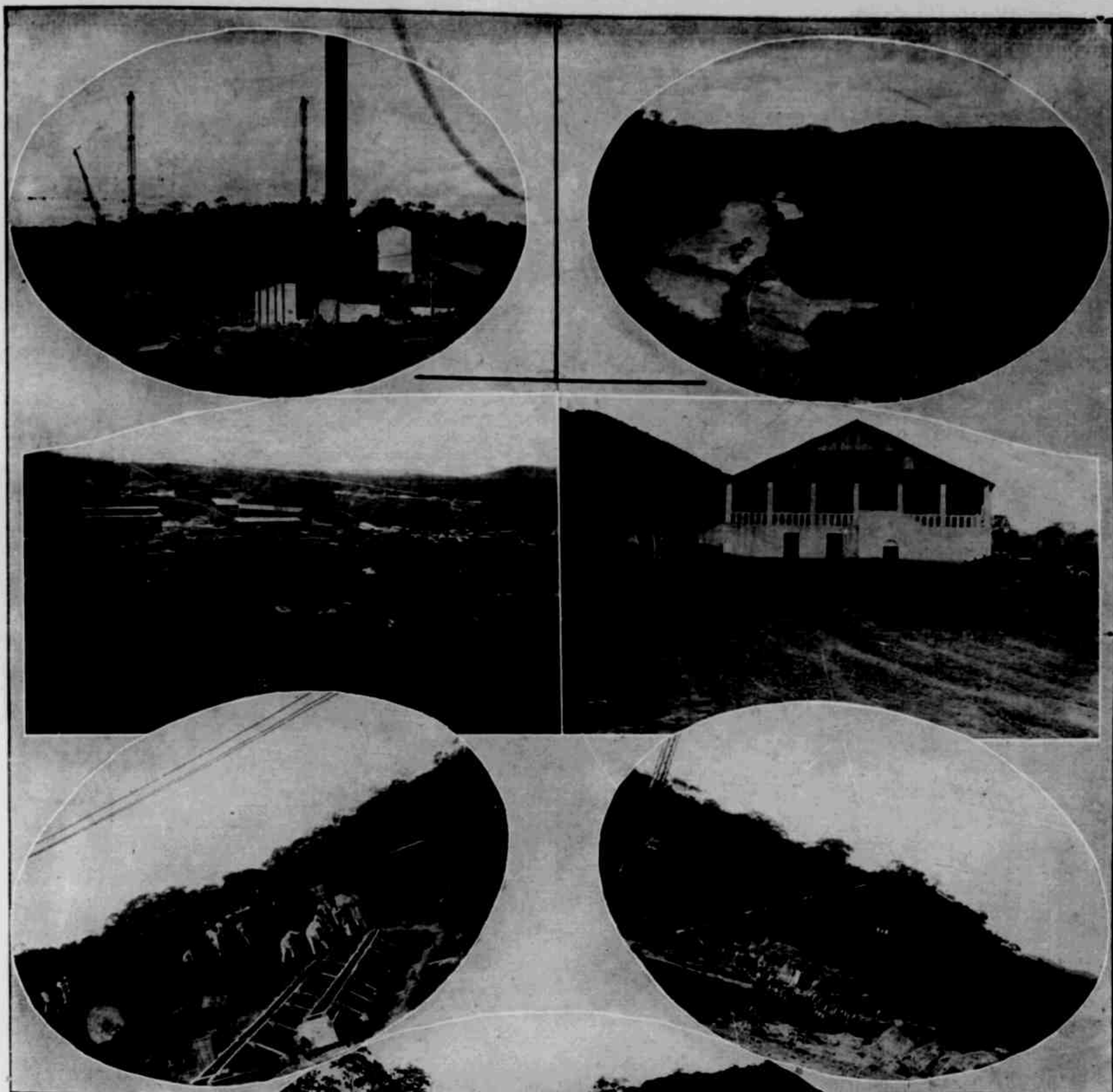
O parzinho era constante, e por signal, um outro par sempre trabalhava com elle tambem: Maude George e Harry Carter.

Jack teve o seu apogeu. Chegou a tornar-se o idolo dos americanos mais do que Rodolph Valentino é hoje, e, por modestia ou admiração por Lois, elle attribue o seu successo a ella, que sempre lhe deu animo e brilhava com a sua presença nos seus films.

Aconteceu, porém, que um dia a Paramount, com um contracto, grandemente vantajoso, levou-a. Jack contractou, então, Fritzie Brunette, mas... nos films que se seguiram, elle parecia outro... e a sua physionomia era tristonha.

Não era Lois... e elle não poude supportar por mais tempo a separação e foi ter com ella. Agora, os dois juntos, novamente, sob a bandeira da fabrica de Jesse Lasky, vão trabalhar em The Covered Wagon, *dirigido por James Cruze.*

Tully Marshall e Charles Ogle tomam parte.

AS GRANDES OBRAS CONTRA AS SECCAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Açude São Gonçalo. — Casa da força e guindaste. — Vista geral das installações do Açude Piranhas. — Açude São Gonçalo. — O transporte do material para a construcção da barragem. —Bacia do rio Piranhas, cujas aguas serão represadas pelo Açude São Gonçalo.

Residencia dos engenheiros do Açude Piranhas. — Os guindastes em trabalho para a construcção da barragem do Açude São Gonçalo. — Uma estrada de rodagem consolidada; trecho entre Santa Cruz e Curraes Novos.

CARLITO, parece que acaba casando outra vez. De vez em quando, corre o boato do seu noivado com alguem. Ora é May Collins, ora Claire Windsor, outra vez é Lila Lee, e assim lá vão os reporters americanos passando o tempo. Agora, a victima, — ou por outra, a "felizarda", — sim, porque basta a noticia do noivado, para ellas subirem de cotação... é Peggy Joyce. Muita gente desconfia da "camaradagem" que ha entre os dois...

NITA NALDI assignou um contrato de cinco annos com a "Paramount, depois do seu estupendo trabalho em "Sangue e areia". A sua popularidade, na America, cresceu enormemente, e, com ella, a sua correspondencia...

BETTY COMPSON e Agnes Ayres compraram novos bungalows em Hollywood. O de Betty, dizem, é bello, e custou carissimo!

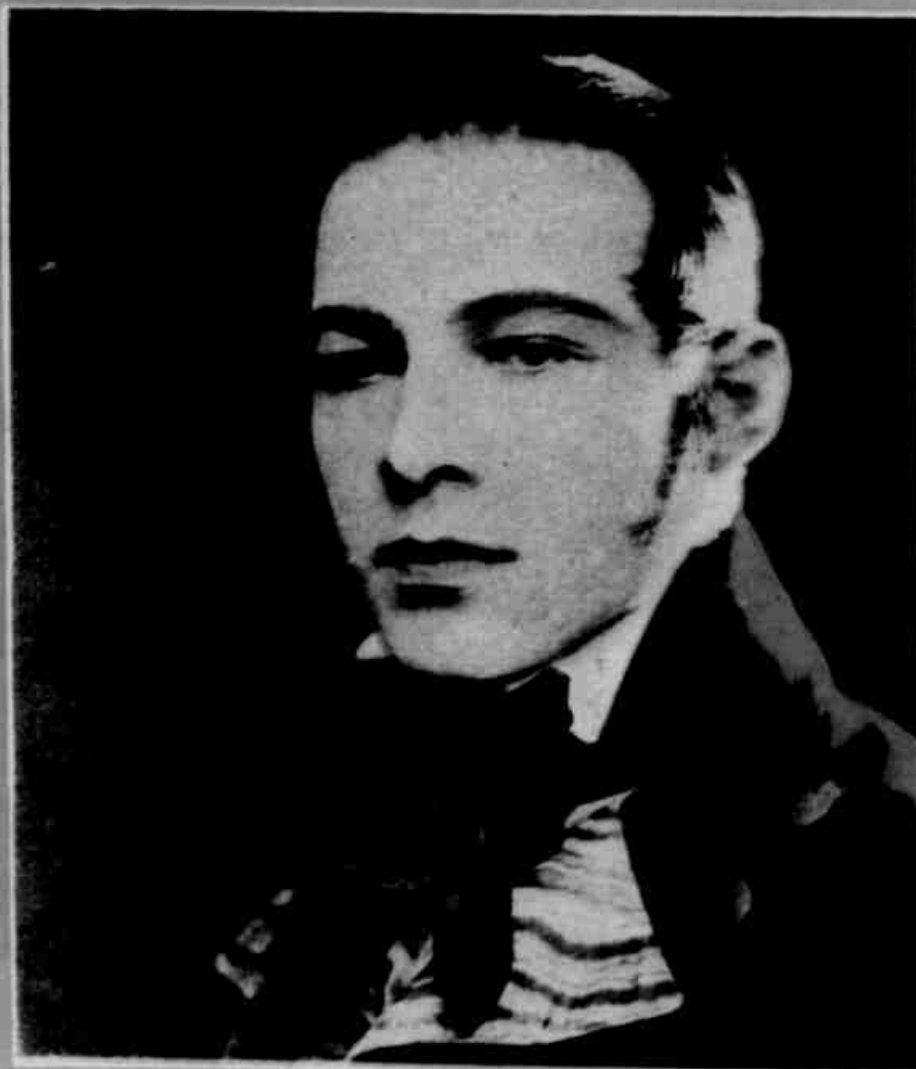
EDNA FLUGRATH, irmã de Viola Dana e Shirley Mason, que ultimamente têm trabalhado nos films inglezes, foi a Hollywood fazer uma visita ás suas irmãs.

Edna tambem é nossa conhecida, por intermedio dos films da Universal. Os leitores têm lembrança de "Os dois caminhos", por exemplo?

WILLIAM FARNUM é um grande colleccionador de sellos.

BESSIE BARRISCALE está agora no "vaudeville".

Breve, apparecerá em Broadway, representando "Scrubly", uma peça escripta pelo seu marido Howard Hickman.

LOUISE LORRAINE casou-se com Joseph Bray, um negociante de Los Angeles. Por felicidade, o marido não vae obrigal-a a abandonar a tela!

No film *Beyond the Rocks*, trabalham lado a lado Gloria Swanson e Rodolph Valentino; na pagina acima figuram esses artistas nos trajes caracteristicos em que apparecem.

MALICIA DAS MULHERES

(Fim)

Nenhum dos dois sabia que Armstrong, que tanto se interessava por Hulda, era conhecedor dos seus encontros. Mais tarde tiveram que entrar em explicações, e Yal confessou o seu caso com Annie, e reconheceu quanto o amava Hulda quando a viu chorar porque elle perdera a sua confiança nella ao ponto de se apaixonar por outra mulher. Obedeceu entretanto aos desejos de Hulda. Agora, não podia mais viajar em navios da "White Bear". Assim, buscou trabalho de estivador e todo o dia transportava pesadas caixas do trapiche para bordo dos navios. Trabalhava esforçada e activamente. O seu idylio com Hulda progredira. Mas havia coisas que elle não comprehendia: a opposição della a deixal-o visitar a casa, as vagas explicações que ella lhe dava sobre os negocios da companhia, informações colhidas sem duvida no correr de conversações a que assistia.

Mas de que Hulda o amava, não podia ter duvida. E no logar predilecto dos seus encontros, proximo á residencia de Larsen, um dia elle informou-a de que estava prestes a melhorar de sorte de que na semana seguinte o iam fazer capataz, com um ordenado maior.

— Se eu vencer... promettes casar commigo algum dia? — perguntou-lhe.

Hulda nada respondeu.

Mais tarde, um dia ella appareceu com uma tira de crepe no braço. O Capitão Larsen morrera, repentinamente.

— Mas agora podes deixar o serviço, Hulda... e depois, casar-nos-emos, — suggeriu de novo.

Hulda não sabia o que havia de responder. Finalmente disse-lhe:

— Não posso. Ainda trabalho para a filha do Capitão Larsen. Comprehendes bem que para algum dia podermos ter um navio, precisamos pôr de parte todo o dinheiro que pudermos ganhar agora. Miss Larsen ha muito que está fóra, na Europa, segundo me disseram.

E falavam de navios, de navios que elle talvez possuisse um dia. E ella ouviu-o, com um curioso sorriso nos labios.

Afinal, foi forçada a ceder. Sim, casaria com elle, por certo casaria, e o mais breve possivel. Yal soubera economisar, tinha o sufficiente para mobiliar um ninho para os dois. Finalmente, marcaram data para o enlace, e a noticia foi ter á casa dos Larsen. Armstrong, que ali continuava a ir todos os dias, como no tempo em que o velho era vivo, veio a saber do projectado casamento.

— Então, este casamento é mesmo verdade? Vaes casar, Hulda?

— Certo que não! — disse a rapariga, a rir.

— Olha que Yal tem por costume desertar do emprego... e das mulheres... Estás certa, bem certa, de que elle não te passará o pé?

Hulda poz-se outra vez a rir.

— O senhor vem ao casamento? E' amanhã, ao meio dia. Nenhuma ceremonia, hein?

Sanford ficou perplexo. Nada mais disse, mas deixou-a com uma expressão de escarneo.

A's onze horas da manhã seguinte, Hulda chegou á casa do ministro que devia effectuar a ceremonia. Aprazara encontrar-se com Yal ao meio dia, mas não se pudera reter. Sentia a necessidade de estar junto de amigos, e aquelle pastor affavel e sua esposa serviriam bem para lhe fazer passar aquelles enfadonhos minutos. O relogio bateu meia hora no parapeito do fogão e os ponteiros em breve pousaram no quarto de hora. Hulda impacientava-se. Yal bem podia ter vindo uns cinco minutos mais cedo. O segundo ponteiro apontava agora um minuto antes da hora. Faltaram depois trinta segundos só, vinte, dez, cinco, tres, dois, um. E o relogio fez ouvir uma após outras as pancadas do meio dia.

Ao mesmo tempo soava a campainha, á porta.

O ministro levantou-se. Sua esposa, as duas testemunhas fizeram outro tanto. E Yal penetrou na sala, com as pernas e os pés nus, com a sua roupa habitual de estivador pegada ao corpo, escorrendo agua no tapete da sala do pastor.

Lançou os olhos a Hulda, e depois ao relogio.

— Desculpa as minhas roupas! Tive muito que fazer...

Hulda não lhe reparou no vestuario, viu-lhe apenas o rosto sorridente. Lançou-lhe os braços ao pescoço, e pronunciou-lhe carinhosamente o nome. E logo o pastor, pegando no seu livro de orações, começou a ler a ceremonia.

Em menos de um minuto, eram marido e esposa. Depois, quando ella o beijou, Yal começou a contar-lhe o que occorrera. Quando elle a deixara na noite anterior, dois homens o haviam atacado. Lançaram-lhe um sacco pela cabeça, e levaram-no num automovel á beira do cáes. Soltaram-n'o ao amanhecer, a bordo de um navio, pelo menos a umas cinco milhas de distancia do porto. — Como se me tivessem levado para uma lua de mel nos mares do Sul, longe de ti! — disse para Hulda.

A's nove horas virá finalmente uma possibilidade de fuga.

Avistara perto uma lancha automovel a que estava amarrado, na pôpa, um barco a remos, onde dois homens se entretinham pescando. Mergulhara sem medo e nadara para a lancha. Não havia a bordo viva alma. Escalara o casco, e como ouvisse os protestos dos dois pescadores, pegara de um machado e declarara que cortaria o cabo de reboque e os deixaria ir ao sabor da corrente se lhe quizessem oppôr a minima resistencia. Felizmente o stock de gazolina era amplo a bordo, de maneira que pudéra alcançar a bahia de San Francisco, que nesse momento era para elle como a entrada do céo, a tempo de correr de pé descalço, até á casa do ministro.

Mas, com toda a sua ventura, o casal mal teve tempo de gosar a sua lua de mel. No dia seguinte, Yal estava a postos no trabalho. Ali encontrou Skole:

— E's um bobo! — disse-lhe o dispenseiro. — Casaste com essa mulher e ella é que te vae levar todo o dinheiro. Acabo de vel-a na casa grande da montanha: que diabo é que ella vae lá fazer?

Yal estremeceu:

— Onde é que ella estava?

— Vem dahi, que eu te mostro! — respondeu Skole.

Correram a casa de Larsen e ali chegaram a tempo de ver Hulda descer as escadas e entrar numa limousine com Armstrong.

— Tua esposa, hein?... — commentou Skole a rir.

Mas Yal não teve tempo para responder, pois disparou atraz do automovel. Quando viu que o não podia alcançar, chamou um taxi e partiu para o escriptorio da companhia "White Bear". Ali encontrou Armstrong:

— Onde está minha esposa? — perguntou.

— Não sei.

Nada disse, mas o seu braço partiu como um raio, e o outro cahiu ao chão.

— Dize depressa: onde está minha esposa!

— Está bem: não fiques assim nervoso! Eu já te mostro!

Levou então Yal até aquella sala que este conhecia, desde que alli se entendera com o Capitão Larsen, ainda ao tempo de Annie. A sala parecia vazia, mas em breve, de detraz das cortinas que velavam uma janella, Hulda appareceu. A rapariga sorprehendeu-se com a presença de Yal, mas não se sorprehendeu mais do que Yal pela presença de Hulda naquelle logar.

— Este sujeito Armstrong foi quem me raptou na vespera do meu casamento... e tu... tu foste sua...

Não pôde pronunciar a palavra.

— E tu... tu estiveste de accordo com elle em tudo isto... Porque?

Hulda tentava vencer a sua emoção. Conseguiu-o após alguns momentos, e voltando-se para Armstrong:

— A sua renuncia será acceita, — disse-lhe com ar resoluto. — O Sr. receberá tudo quanto é seu e um pouco mais, mas queira retirar-se depressa, senão...

Yal não podia comprehender:

— Que... que significa tudo isto, Hulda?

Armstrong retirara-se, e Skole continuava á porta.

— Significa que sou eu o novo proprietario da flotilha da "White Bear".

Yal não podia comprehender ainda:

— Tens então estado a troçar commigo?

Hulda approximou-se mais:

— Eu te explico, cabeça de páo! — disse a rir. — Quando vim da Europa na terceira classe, vinham tambem a bordo o Capitão Larsen e sua senhora, que acabavam de visitar a Suecia. Viram-me e deram-me emprego em sua casa, logo que desembarcaram. Quando a boa Sra. Larsen morreu, o Capitão prometteu-lhe que me adoptaria como sua filha. O Sr. Armstrong sempre quiz dar-me o seu nome... mas eu nunca me pude resolver a acceital-o por marido. Morreu o Capitão Larsen, e antes de cerrar os olhos, disse-me que era melhor que eu casasse com o homem que o meu coração escolhesse. Recordou-me que Armstrong tinha estado com elle muitos annos, mas accrescentou que me queria bem, que me era grato pela companhia que eu lhe fizera e a sua esposa em terra extranha, e que seria meu tudo quanto lhe pertencia. Deixou a Armstrong um lote das suas acções e pediu-me que o mantivesse como meu secretario. Armstrong sempre tivera a esperança de casar commigo, em vida do Capitão Larsen, mas perdeu talvez a cabeça quando, morto o meu protector, percebeu qhe era só a ti que eu amava, Hjalmar!

Yal comprehendeu, mas protestou: — E agora, estou então reduzido a ser simplesmente o marido de uma mulher rica!

— Nada disso! Foi justamente por essa razão que quiz que tu te fizesses por ti mesmo, e que nada te disse de tudo isto. Não falta aqui em que se occupe um homem como tu.

Quanto a mim, vou para casa occuparme com a casa... e as crianças.

Sobre a secretária apanhou uma carta, dirigida por Yal a Hulda, cinco annos atraz. No enveloppe, lia-se: — "Retida pelo bloqueio".

— Veiu esta manhã, — disse, apresentando-a a Yal — Reteve-a o bloqueio de

MAR DO NORTE, e só me veio ás mãos esta manhã.

Yal rasgou o envelope e retirou o saque de mil dollars que fizera havia tantos annos. E sentiu-se feliz, indizivelmente feliz. Voltou os olhos para Skole, e riu ao vel-o voltar as costas e caminhar para a porta. Colheu então Hulda nos seus braços, e beijando-a, commentou a rir:

— Isto é que é sorte: Uma esposa, mil dollars e não sei quantos navios tudo num só dia!

AMOR PERFEITO

(Fim)

focar os soluços que se lhe atropellavam na garganta. Berkeley tinha essa habilidade de lhe esquadrinhar o coração, e espezinhar-lhe os sonhos, um a um. Mas permaneceu inabalavel, no proposito firme de não lhe dar a satisfação de saber que Allan jamais lhe dissera palavra sobre o que sentia por ella. Não consentiria eu expor ao lume daquelles olhos metallicos, o sonho, o seu sonho, o sonho que ella mal chegara a sonhar!

Limitou-se a responder — Está bem, — mas James deleitou-se nesse momento em sentir que sua esposa o odiava. Bem lhe importava o seu odio! Os vestidos de que elle a fornecia, luziam no, seu corpo. A sua apparição attrahia as attenções... emprestava-lhe prestigio, a elle! Era tudo o que queria!...

Na noite seguinte, á hora do jantar, afagando de novo com justificado apreço o crystal filigranado da sua taça, James Berkeley disse a sua esposa.

— Podes incluir Allan Franklin no numero dos convidados para o nosso jantarzinho de amanhã.

Lois poude reter as manifestações de sua surpreza ante as inesperadas palavras. Affluiram-lhe aos labios perguntas que elle se guardou bem de articular. Que lhe exigia Berkeley? Satisfações iguaes ás que poderia tirar de um manequim. Pois essas teria, e mais nenhumas. E, inalteravel, Lois respondeu como antes: — Está bem.

No dia seguinte, um jornal pôl-a ao corrente do formidavel exito que Allan Franklin obtivera no Mexico, onde lançara uma colossal empreza de engenharia, e merecera do governo a concessão de extensas terras petroliferas.

Franziram-se-lhe os labios n'um sorriso de desprezo. Agora, já pouco importava a James Berkeley que Franklin tivesse sido um dos pretendentes da esposa. Era senhor de terras de oleo, no Mexico, tinha o "Sésamo" em suas mãos!...

Lois inspeccionou a mesa de jantar, e dispoz-se a distribuir os cartões que indicavam os logares aos convidados. Lentamente, entreabriram-se-lhe os labios num sorriso, e com um momentaneo clarão nos olhos, collocou Allan Franklin á sua direita...

Dez minutos depois Franklin era annunciado, e apertava-lhe a mão, e declarava-lhe, mais pelos olhos do que pelas palavras, que a encontrava mais linda ainda do que antes de partir, que não se esquecera d'ella, que por ella se exilara, que por ella voltara porque... N'esse ponto, Lois sentio que o seu coração apressava o seu rythmo tumultuosamente, despertando uma velha dor, esquecida ha tantos annos: era o pequenino sonho inconcluido, irrealisavel, que levantava a cabeça de sua humilhação para a fitar, e sorrir-lhe!

E durante todo o jantar, em meio aos commentarios da conversação geral, em meio ao desempenho das suas funcções de dona de casa, sob os olhares agora benignos de James Berkeley, Lois surprehendera-se a dizer a Allan Franklin todas as pequeninas coisas de que a ninguem fallara, nos anteriores quinze annos, e assaltou-a a evidencia do vácuo d'esse passado, o vácuo de... de tudo isto para que ella agora despertava. E sentio que Allan Franklin sabia de tudo. E sentio — mais do que isso — que sempre o devia ter esperado!

Depois do jantar, Berkeley e Allan Franklin recolheram-se ao gabinete de Berkeley e alli estiveram fechados algum tempo. Mais tarde, nessa mesma noite, Berkeley foi ao aposento de sua esposa, e contou-lhe que julgava ter obtido a agencia das terras mexicanas de que Franklin era concessionario, e que provavelmente elle e Allan teriam que ir alli, n'uma rapida viagem, em que Lois os acompanharia tambem.

— Mas para que ir eu? — perguntou com um olhar curioso — Que prazer pode haver n'uma viagem d'essas para uma mulher?

Parecia que o perigo espicaçava-lhe o sangue. Mas Berkeley bateu-lhe o pé.

— Não, não será para ti uma viagem de prazer: será uma viagem de necessidade! — accentuou Berkeley — Afinal, por mais que eu aprecie o muito lustre que tu emprestas ao meu prestigio, á minha riqueza, devo confessar que a minha situação financeira não é tão solida como tu e a maior parte do publico acreditam. Afinal, o que eu tenho em especies e em capital applicado, não passa da quarta parte do que todos me attribuem. Isso porem não é senão um novo testemunho da minha argucia. O homem que dispõe de grande fortuna não tem grande merito em guardar as apparencias: o habil, é o que não possuindo grandes recursos, ganha a reputação de um verdadeiro Creso...

— Comprehendo... — disse Lois com uma voz extranha.

Os seus olhos baixaram sobre as rendas finas que lhe ornavam o peito, rendas euthenticas que ella, por ordem de James, adquirira. Rendas trabalhadas por mãos miseravelmente pagas, talvez até não pagas, porventura, e a que ella preferiria cem vezes o linho claro e fresco...

E alçando a cabeça para o marido:

— Tu nunca cuidas de saber a minha opinião a respeito de coisa alguma, James — disse — mas de todo o modo vou dar-t'a, quer a desejes, quer não, no referente a este assumpto, uma vez que... uma vez que tão de perto me interessa...

Poz de novo os olhos nos flocos de rendas do corpete:

— Não me parece que haja grande habilidade em fazer isso que tu fazes... Afinal a humanidade é tão facil de... de enganar. O que me parece é que nesse modo de agir ha, quando menos, uma falta de... uma falta de escrupulo deploravel.

James Berkeley levantou-se, accendeu um cigarro, e com aquelle seu mesmo ponderado ar de displicencia, caminhou para a porta. Não era sua norma tolerar a companhia, fosse de quem fosse, que expendesse opiniões adversas á sua pessoa.

— Vejo agora que faço bem em não te ouvir, tantas vezes. Como annuncio, Lois, és de primeira ordem, mas como philosopha, és... és de uma puerilidade lamentavel!

Abriu a porta, e voltando-se antes de a transpor:

— Quanto á viagem, insisto em que nos acompanhes. E' preciso não deixar margem a que outros agentes tomem conta de Allan Franklin. Ora se tu não fôres, elle provavelmente não irá tão pouco. Mas se tu vieres — e os olhos de Berkeley luziram com terrivel malicia — se tu vieres comnosco, — repetio, unctuoso — não haverá duvida de que elle virá tambem. E será para mim um grande, um grande auxilio, querida! Até amanhã: boas noites.

Lois não poude dormir durante muitas horas. Mentalmente, recordou palavra por palavra tudo quanto dissera a Allan, tudo quanto Allan lhe dissera. Era como se houvesse penetrado n'uma terra de promissão, d'onde se varresse toda a especie de duvidas e incertezas. Acudio-lhe a lembrança das mãos de Allan, — mãos magras, capazes, honestas. Pensou nos seus olhos quentes e francos, nos seus cabellos, no geito do seu penteado, mil detalhes que lhe diziam respeito e que ella agora sentia caros ao seu coração.

No dia seguinte, ao almoço, communicou ao marido que estava resolvida a acompanhal-os na sua viagem ao Mexico; e accrescentou:

— Sinto, porém, que ha muitas probabilidades de que eu me venha a apaixonar por Allan Franklin, e aviso-te, com toda a lealdade.

James Berkeley riu-se, indulgentemente.

— Que criança que tu és! — respondeu desinteressadamente — Seja como fôr, o que não posso é deixar aqui Franklin!

Lois sorriu. Elle antes queria correr o risco de a perder, a ella, do que correr o risco de perder a agencia! Mas que especie de sangue teria aquelle homem a correr nas veias? — perguntou a si mesma.

Em viagem, Lois arranjou-se de modo a evitar o mais possivel estar em contacto com Allan. O vácuo dos passados quinze annos explodia no seu intimo, e ella sabia as limitações do seu dominio sobre si mesma. Sabia ao demais, por um instincto mais exacto do que as palavras, que Allan a amava, que nunca deixara de amal-a, e temia e anceiava, ao mesmo tempo, pelo momento em que se varressem entre elles todas as barreiras.

Queria agir com lealdade. Bem sabia que Berkeley não agira assim, mas não achava que isso a pudesse absolver, nem tão pouco calculava encontrar a solução do seu problema, incorrendo em culpa igual á delle.

No Mexico, as proprias circumstancias conspiraram para que os dois estivessem juntos, mais amiude. Mas, muitas vezes, em occasiões em que Berkeley poderia ter-lhes evitado o *tête-á-tête*, deixava-os um com outro, tal e qual como se a Allan dissesse: "Dá-me a agencia d'essas terras de oleo e eu te darei a agencia de minha mulher." E parecia que, comprehendendo isso, Allan e Lois, com dissimulado desprezo, se recusavam a tirar partido de tanta villania, e empenhavam sua honra contra a deshonra delle.

Houve uma vez em que, após uma scena desagradavel com o marido, Lois se deixou ver a Allan, ao sahir do quarto, attonita, pallida, transmudada, e num gesto que nenhuma reflexão precedera, estendeu o mancebo as mãos para ella, a protegel-a. E Allan comprehendeu que Lois a vira bem, mas tinha-as ignorado porque acceital-as equivaleria a guardal-as para sempre.

D'outra vez encontrara Lois na flores-

ta, a tempo ainda de a salvar do salto de um gato bravo, prompto a investir sobre ella, e logo depois foi aquelle momento em que, escura a floresta, tombado junto delles o animal feroz cujo sangue rubro-negro manchava o couro setinoso e se alastrava pela terra humida aos seus pés, as narinas palpitantes de todos os aromas primitivos que surgiam do sólo, os dois se viram frente a frente, peito a peito, suffocantemente proximos um do outro, quasi confundidas as respirações, sem que palavra alguma lhes sahisse da garganta, e sentindo que havia evidencias que exigiam ser proclamadas, mas que elles por suas mãos estrangulavam, com medo de as dizerem. Nesse momento, foi para ambos como se entre os seus corpos esmagassem as forças da propria vida, como se houvessem arrancado ao destino uma estupenda victoria. Mas voltaram os dois sem um clarão de triumpho nos rostos descorados sem um cantico de victoria a ecoar nos corações. Ao contrario, tinham a impressão de haver estrangulado qualquer coisa de vital e eterno, qualquer coisa maior do que elles, e que vinha da propria creação.

Tão escassa assim é sempre a recompensa da virtude!

Nessa noite, Lois disse a Berkeley que precisava partir na manhã seguinte. — Se necessario fôr, — accrescentou — partiremos sem a agencia. Varreremos de uma vez este "bluff" da fortuna dos Berkeley, e viveremos honestamente, e "seremos" honestos, de verdade! Prefiro trabalhar a soffrer assim, e parto infallivelmente!

Berkeley puxou duas amplas baforadas do charuto com que Franklin o presenteara na noite da vespera. — Farei de modo a que Franklin assigne o contracto esta noite, — disse. Poz-se a olhar a esposa por entre os olhos semi-cerrados, e Lois teve a impressão de que, mentalmente, elle estava vendo Allan tambem.

— Quero crer que esta noite — disse com escarninha ironia — elle se promptificará a assignal-o...

Berkeley subio para o seu quarto depois do jantar, dizendo que mais tarde fallaria com Franklin. A noite adensava-se em volta delles, injectava-lhes nos sentidos os seus perfumes. Era como se a propria noite lhes pedisse um penhor, uma promessa, um signal...

Lois sentiu-se estremecer ao contacto da brisa carregada e quente. O mancebo reteve um suspiro magoado e afastou-se. Estavam os dois pelejando a ultima batalha e appellando para as supremas energias. Parecia que cada uma das estrellas os esmagava ao seu peso, os queimava implacavelmente. O animo turbou-se-lhes, fraquejou, reagiu, fraquejou de novo... Primeiro ao longe e depois mais perto, um mexicano começava a entoar á sua dama uma serenata. A sua voz quente e apaixonada subia em cadencias amorosamente enleiantes, baixava, subia de novo... E, como a collaborar na canção, Lois ouviu que a resistencia de Allan se quebrava, pronunciando o seu nome uma, outra e mais outra vez.

— Lois! — murmurava elle.

E a voz do mexicano, gloriosa, supplicante, exultante, repetia num tom menor:

— Amor!... Amor!... Amor!...

Lois estendeu os braços e apertou Allan ao coração, segredando-lhe:

— Bem sei, bem sei, meu amor! Sei de tudo!

De um dos balcões que abriam para o pateo, Berkeley, com um sorriso, observava a scena:

— Lindo, lindo! — disse de si para si. — Lindo e muito opportuno!

E, arrancando do bolso o contracto, sentou-se á espera de Lois.

Não demorou que ella voltasse e logo, inflammada, impetuosa, se dirigiu a Berkeley. Transmudara-se-lhe a voz e as palavras vinham-lhe pela bocca ás lufadas, aos arquejos:

— James: tenho uma coisa para te dizer e vou dizel-a já, antes que me falte a coragem. Eu... eu e Allan... no pateo... ha um momento...

Mas deteve-se sem poder proseguir. Toda a sua sensibilidade se revoltava ante a idéa de desnudar a deleitosa emoção daquelles momentos a esse homem, incapaz de comprehender nenhuma especie de emoção.

— Bem sei, — disse Berkeley, aspirando novamente o charuto puro havana. — E quero poupar-te o incommodo de pôr em palavras o que tu, tão encantadoramente, acabas de pôr em acção. Vi tudo!

Pronunciou sem emphase a affirmativa e ficou a olhar para ella, sorrindo affavelmente.

Lois escancarou as pupillas e repetiu:

— Viste tudo? E... e não te importas?

Berkeley estirou as pernas e levou a mão ao bolso, onde apparecia a fimbria do contracto a assignar.

— Vim ao Mexico com um fito unico: fazer Allan Franklin assignar este contracto. Preciso mais disso do que de outra qualquer coisa. Ora, é minha norma obter sempre o que pretendo e, decerto, não vou consentir que uma mulher hysterica ou um homem aluado levantem embargos ao meu proposito.

Lois ergueu-se para sahir da sala. Não havia nada que ella pudesse dizer áquelle homem e, ainda menos, que delle pudesse ouvir.

A' soleira da porta, encontrou-se, inesperadamente com Allan, que, decerto, vinha animado pelo mesmo intuito de fazer a sua confissão a Berkeley. Acolheu-o, de parte deste, um sorriso affavel e tranquillisador:

— Nada me precisas dizer, amigo. Lois acaba de despejar no meu regaço o seu negro segredo e já, paternalmente, vos absolvi a ambos.

Allan permaneceu immovel um momento.

— Não comprehendo. Dizes que Lois te confessou o nosso amor... E tu perdoas?

Berkeley desenhou um amplo gesto com a mão e Lois observou, então, como se havia feito venenosa e fraca aquella mão que, outrora, considerára varonil e dominadora.

— Não exaggeremos, Franklin... Ha um excesso nessa palavra "amor", que tu estás empregando... As coisas, postas nos seus devidos termos, reduzem-se a bem pouco. Um rapaz sympathico, como tu és... Uma mulher bonita... Uma noite de lua... E' natural, é mais que natural!..

— Basta, sr. Berkeley! Creio que, por agora, já todos dissémos o bastante! Já todos definimos as nossas situações bem claramente, bem definidamente! Eu hesitaria, longa e dolorosamente, em arrancar Lois dos braços de um homem, mas o senhor não merece nem consideração, nem remorso! O incidente está, desde agora, encerrado para todos tres, mas, antes que seja tarde, quero dizer-lhe que, se o senhor fosse um homem, não me deixaria sahir assim!

A's vezes, na vida, o que acontece é, justamente, aquillo que ha de mais singular. Foi, effectivamente, o mais bizarro que aconteceu áquellas tres pessoas que alli debatiam o grande problema da sua vida. Nem Berkeley se atracou com Allan, nem este proseguiu no seu libello. O caso se resolveu com a intervenção de um grupo de malfeitores, que tomaram o caso á sua conta e, antes que qualquer dos tres personagens pudesse aperceber-se bem do que se passava, Lois conseguia salvar a Franklin e os dois, em defesa da propria vida, fugiam a bom fugir na direcção da fronteira.

Trinta e seis horas depois, Allan Franklin conseguiu carregar Lois, escada acima, e dar-lhe o refugio de uma pequena choupana, do outro lado da fronteira. Aos pés dos dois jazia o ultimo dos seus perseguidores, e, a muitas milhas de distancia, para além da linha divisoria, ficára James Berkeley, obscuro na morte, esbulhado da sua ostentação, burlado na sua vaidade...

— Dir-se-ia que tudo isto foi obra dos deuses, meu amor! — Disse Franklin a Lois, beijando-lhe o rosto pallido, os cabellos em desalinho.

Mas Lois sorriu:

— Não, não foram os deuses: foi Deus! E Deus faz sempre bem o que Elle faz!...

NILES VELCH

(Fim)

De facto, Miss Dell Boone é habilissima para esse genero de trabalhos.

— E tem algum projecto especial para seus trabalhos?

— Realmente, não tenho, a menos que queira tomar como projecto especial a decisão firme em que estou de continuar a desempenhar meus papeis de *leading man*, a fazer como tantos outros, que fracassaram, abalançando-se a figurar como astros sem estar nas condições para tal. Conheço-me bastante; satisfaço nos papeis que tenho desempenhado, mas penso que o mesmo não aconteceria se quizesse me elevar mais.

— Então, está satisfeito com a sua sorte?

Muito satisfeito. Não tenho ambições. Considero-me perfeitamente feliz, faço o que quero ou antes o que queremos, disse elle, volvendo para a esposa seus olhos carregados de ternura.

SOBRE O TUMULO DE WILDE

(FIM)

falou-me: — Livro infame! "Elle" foi um homem que commetteu crimes contra a natureza..."

No vagão banal, apparecia, de novo, aquelle mesmo espirito que soprou a fogueira de Joanna d'Arc e fechou os olhos de Hudson Lowe. O inglez tinha razão. Elle acreditava ainda na natureza. Eu via a natureza passar, rapida e multipla, nas janellas do carro. A poltrona em que eu estava era confortavel; o cigarro que eu queimava tinha uma elegancia de ouro na ponta; o perfume do meu lenço era uma rosa estylisada. E foi pensando que a natureza não tem conforto, nem elegancia, nem estylo. A gente chega a uma edade de alma em que não póde perdoar certas incoherencias. Eu nunca mais poderei acreditar numa natureza que, com as mesmas mãos e a mesma esthetica que faz uma rosa, faz tambem um commendador. Quan-

do penso nisto, chego a preferir as flores artificiaes. Si neste dia 30 de Novembro eu estivesse em Paris, lendo um jornal, com certeza esse jornal traria o retrato de algum commendador novo, e nem uma só palavra sobre a data triste. Mas eu teria um bocejo para o retrato do homem serio; e com uma ruga preoccupada na testa, iria ao Père-Lachaise e, junto daquella lagarta negra, malhada de açafrão, linda como um tigre, que sahiu do tumulo de Wilde e ficou toda ao sol, eu deixaria, sem medo de que a molestasse o verme, sobre a grade de bronze do jazigo, uma rosa artificial, perpetua, de porcelana.

GUILHERME DE ALMEIDA.

Em casa de Anatole France

Emile Henriot descreve a primeira vez que foi admittido na intimidade de Anatole, a tomar parte em um almoço offerecido por Pierre Mille:

"O almoço foi bom. E divertido. Os convivas diversos, de temperamentos diversissimos. Havia lá, por exemplo, Pierre Mille, o amphytrião magnifico, tão delicioso de ouvir-se como de ler-se; Seignobos, professor de historia; Israel Zangivill, escriptor inglez e professor sionista; miss Nathalia Colifford Barney, o pathetico Jean Givadoux, e alguns outros. Mas havia lá, principalmente, Anatole France.

Era a primeira vez que me encontrava eu assim, intimamente, com o immortal autor de "Thais" e de "La Rotisserie". Sentia-me commovidissimo. Emquanto apreciavamos o menú, maravilhosamente combinado para acompanhar um egape espiritual como aquelle, eu, por mim, não me podia furtar de observar attentamente o Mestre. Elle se não parece, a não ser muito de longe, com o retrato que delle, recentemente, fez Van Darigen, e produziu tanto successo; o pintor, sem duvida, quiz divertir-se representando Crainquebille em Mazas ou Paphnucio depois da tentação, ao invés daquelle velho vibratil, em que a gente se alegra em testemunhar ainda e sempre tão gaiata malicia e tão limpida ironia sempre alerta. Anatole France apenas deixou crescesse-lhe, livremente, a barba, que é hoje patriarchal, abundante e branca. Assim, faz de certo modo pensar, nem se sabe porque, simultaneamente, em Henrique IV e Victor Hugo.

O almoço começára de maneira quasi identica áquelle famoso jantar descripto no "Lys Rouge", em que Napoleão se incumbe de sustentar e animar a conversação. E' Anatole mesmo quem traz á baila o grande vulto, citando alguns apropositos, creio que de Rovigo. Como certa vez, num combate, um official do estado-maior lembrasse ao imperador que mudasse de posição para observar melhor um numero de inimigos, Napoleão respondeu severamente: "Em um campo de batalha não ha inimigos: ha homens, apenas!"

A phrase é bonita. E' mesmo bella. E Anatole a paraphraseava melhor ainda: "Isso não quer dizer que o imperador fosse muito sensivel; quer dizer que elle era intelligentissimo". Ao que Pierre Mille replicou: "Elle não teria podido ser intelligentissimo se tivesse sido muito sensivel". Seignobos não concordou com isso e disse porque. Foi quando a palestra se dispersou e passámos ao salão.

O CLUB

O *club* é uma instituição puramente ingleza, e, segundo o seus mais profundos apologistas, deve a sua invenção a Shakespeare. Um dia, Guilherme Shakespeare communicou a alguns dos seus amigos a idéa de se reunirem periodicamente, para discorrerem sobre arte e literatura. Foi o bastante para que os inglezes considerassem este projecto a semente dos milhares de *clubs* que hoje existem. O segundo *club* fundou-se pouco depois, tambem em Londres, na Taverna do Diabo, e seguiu-se-lhe os da *Cabeça de Vitella*, conluio annual de antigos partidarios de Revolução, que, nos dias 31 de janeiro, se reuniam para ceiar — uma cabeça de vitella — allusão á cabeça do rei Carlos I. Depois da *Cabeça de Vitella* á revolucionaria, houve o *Beefsteack Club*, que existiu até 1840, e o famoso da *Empada de Enguias*, conhecido tambem por *Kit Cat Club*, em honra do seu fundador, Christovão Cat, celebre pasteleiro. Sempre á cata de notoriedade, a fertil fantasia ingleza organisou alguns *clubs* originaes. Bizarros outros — o *Club dos Mentirosos*, onde os membros se comprometteiam a nunca dizer a verdade, nem mesmo aos collegas; o *King Club*, que só admittia socios com o appellido de King; o *Club dos Feios; o Club dos Bonitos*, cujos socios se pintavam e se espartilhavam; o *Club dos Magros, o dos Gordos, o dos Gigantes* e o *dos Anãos*. Outros sinistros, como o *Club dos Desgraçados*, que não admittia socios sem, pelo menos, uma fallencia; o *dos Scelerados*, composto de rapazes de nome e de fortuna, que, depois de bem embriagados, percorriam as ruas de Londres, entregando-se a toda a casta de tropelias; o *Club dos Cégos*, o *Club dos Avarentos*, que se reuniam á noite, numa sala ás escuras, para economia de luz. Um dos mais originaes, entretanto, é o *Club do Passaro Azul*, organisado por damas da alta sociedade ingleza, com o fim de procurarem a felicidade para as suas associadas e conserval-a depois de obtida. A alma dessa empreza foi uma poetisa, miss Diana Delaunay, que começou por offerecer ao *club* um bello alojamento. O salão principal é sumptuoso Cobrem-lhe as paredes frescos claros, representando mulheres de suave encanto e symbolos de mysteriosa belleza. Sob um baldaquino rendilhado, enthronisa-se o emblema daquella casa, um passaro formoso, de um azul de anil, por cima da divisa: *Busquemos a felicidade*. O regulamento do interessante circulo é simples e liberal. Não ha premio de entrada, nem quota mensal, para as socias. Têm apenas a obrigação de se reunirem uma vez por semana, num banquete. E findo o jantar, entregam-se, recolhidamente, aos descobrimentos mais transcendentaes sobre a felicidade e sobre a vida e os habitos do *passaro azul*.

A pratica constante com a eloquencia de seus resultados, está dizendo á todas as senhoras: "para embellezar a cutis, suavisando-lhe e communicando-lhe a maior somma de attractivos, não ha nada tão efficaz como o uso diario do
PO' DE ARROZ MENDEL
excellente por sua qualidade e insuperavel por sua acção.
Exquisitamente perfumado á violeta, jasmim e heliotrope. E' preparado nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr, "Chair" (carne) para as loiras e "Rachel" (crême) para as morenas. Estes dois ultimos tons estão em grande moda.
Vende-se em todas as perfumarias Agencia do Pó de Arroz Mendel: Rua 7 de Setembro n. 107, 1º andar, Telephone C. 2741. Rio de Janeiro. Deposito em S. Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50.
MENDEL & COMP.
Poudre graseoso Mendel
POUDRE GRASEOSO
MENDEL

GENTE MENUDA

— TANGO —

POR AGUSTIN BARDI

REPERTORIO DA ORCHESTRA PICKMANN

p
D. C. 1ª Parte pel TRIO
TRIO
1ª
2ª
D. C. tutto

Não temer a Tuberculose

O

"SANGUINOL"

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "SANGUINOL" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrofulosas, os esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o "SANGUINOL". *E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.*

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O "SANGUINOL" é muito superior ás Emulsões de Oleo de Figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as drogarias e pharmacias.

Fabricantes: **GALVÃO & C. – Avenida São João n. 145 – S. Paulo**

ACABARAM-SE AS POMADAS, OS UNGUENTOS E OS CREMES

que são velhas formulas de carrancismo therapeutico e que irritam a pelle com a gordura rançosa que contêm.

sem gordura, liquido, não suja a pelle e nem as roupas, de uso facil, commodo e rapido, não obstruindo os póros da pelle e não impedindo a sua perfeita respiração, que é o unico meio de se conservar perfeita e evitar as rugas da velhice.

A LUGOLINA é o unico remedio Brasileiro adoptado na Europa, Norte-America, Argentina, Uruguay e Chile, com enorme successo.

Cura efficazmente as molestias da pelle, feridas, darthros, eczemas, suor dos pés e dos sovacos, quéda dos cabellos, etc. O seu uso constante conserva a pelle fresca e evita as rugas. Anti-parasitario e cicatrizante poderoso, evitando qualquer contagio nos dois sexos.

Vende-se em todas as drogarias, pharmacias e perfumarias.

Preço: 3$000

Unicos depositarios: ARAUJO FREITAS & C. Rua dos Ourives, 88 e S. Pedro, 90 — Rio de Janeiro.

Alipio Campos

Cidade do Rio Grande, 24 de Janeiro de 1916. — Exmos. Srs. Viuva Silveira & Filhos — Pelotas.

Levado pelo sentimento de gratidão, venho por meio desta attestar que achando-me soffrendo atrozmente de uma molestia syphilitica e tendo recorrido a diversos medicos, sem resultado algum, resolvi fazer uso do tão conhecido e afamado ELIXIR DE NOGUEIRA, preparado do saudoso pharmaceutico JOÃO DA SILVA SILVEIRA e do qual colhi os mais beneficos resultados. Hoje, graças a tão poderoso medicamento, achome radicalmente curado podendo dedicar-me ao trabalho completamente restabelecido. Enviando este attestado do qual podeis fazer o uso que approuver, subscrevo-me De VV. SS. Amº. e Crº. Obrimº. — *Alipio Campos.*

Firma reconhecida — Residencia na rua Rehingantes n. 241.

PÓ DE ARROZ RENY

Adherente e perfumado, Caixa grande 2$500, pelo correio 3$500; caixa pequena 600 réis, pelo correio 1$000.

LOÇÃO RENY

Elimina a caspa e evita a quéda dos cabellos. Vidro 5$500 pelo correio 8$000.

DEPIL

Unico liquido que tira o cabello em cinco minutos. Vidro pequeno 5$000, grande 10$000, pelo correio, 8$000 e 12$000.

AGUA BALSAMICA RENY

Perfume das orientaes. Algumas gottas perfumam um banho. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000, pelo correio 8$000 e 12$000.

MAGALHÃES & LOBO

Rua Marechal Floriano Peixoto, 17--Sobrado

Offs. Graphicas d'O MALHO